



INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROF. DR. GABRIEL COHN - Chefe. Página 3

ENTREVISTAS
PROFA. DRA. CÉLIA NUNES GALVÃO QUIRINO DOS SANTOS
por Rodolfo Vianna. Página 4

PROF. DR. FERNANDO DE MAGALHÃES P. LIMONGE
por Rodolfo Vianna. Página 6

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A MISSÃO DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA. Página 7

ESPAÇO MEMÓRIA

GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA
Discurso Proferido Quando da Entrega do Título de Professor Emérito. Página 19

ENTREVISTAS
ROBERTO BRANDÃO
por Daniel Cantinelli Sevillano. Página 21

JOSÉ MIGUEL WISNIK
por Daniel Cantinelli Sevillano. Página 22

EVENTOS

DISCURSO DO DIRETOR SEDI HIRANO NA FORMATURA DA "TURMA DOS 70 ANOS". PÁGINA 23

TURMA DOS 70 ANOS DA FFLCH FAZ FORMATURA NO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
por Rodolfo Vianna. Página 25

ENTREVISTA COM O MINISTRO DA CULTURA, SR. GILBERTO GIL
por Daniel Cantinelli Sevillano. Página 26

PROGAMAÇÃO DE SETEMBRO DO SERVIÇO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO. PÁGINA 27

ESPAÇO DO FUNCIONÁRIO

FUNCIONÁRIA DA FFLCH É ESCOLHIDA PARA SER EXAMINADORA DO PRÊMIO NACIONAL DE GESTÃO PÚBLICA
por Rodolfo Vianna. Página 27

DOUTORADOS

Página. 28

MESTRADOS

Página. 31

PRODUÇÃO DOS DOCENTES DA FACULDADE

Página. 32

EDITORIAL

No dia 4 de setembro, no Memorial da América Latina, ocorreu a formatura da *Turma dos 70 anos*, numa cerimônia na qual foi lembrado o percurso histórico da FFLCH desde sua fundação, em 1934. Nesta edição, apresentamos a cobertura do evento, que integrou o calendário de comemorações dos 70 anos da Faculdade, e a reprodução do discurso do Diretor, professor Sedi Hirano.

Dando prosseguimento ao projeto editorial deste Informe no âmbito comemorativo dos 70 anos, o artigo do professor Gabriel Cohn, chefe do Departamento de Ciência Política e entrevistas da professora Célia Nunes Galvão Quirino dos Santos e do professor Fernando Limongi nos trazem informações e reflexões enriquecedoras sobre o Departamento e o papel desta Faculdade na Universidade.

Nesta mesma linha, publica-se um documento do Departamento de Filosofia, voltado também para um apanhado histórico e uma análise crítica de sua “missão formadora” e de sua atuação acadêmica.

O discurso da professora Gilda Rocha de Mello e Souza, proferido quando recebeu o título de Professora Emérita está no Espaço Memória, junto às entrevistas dos professores Roberto Brandão (relembrando o ambiente da Faculdade na década de 70) e José Miguel Wisnik (a respeito do projeto “Universidade Utópica”), ambos do DLCV. Uma rápida entrevista com o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, por ocasião de sua visita durante um evento sobre Cinema Negro realizado na Faculdade de Educação.

Também é disponibilizada para os leitores deste Boletim uma matéria sobre a escolha da funcionária Lucilene Cristina de Andrade, do Serviço de Pessoal, para ser um dos examinadores do Prêmio Nacional de Gestão Pública, do Ministério do Planejamento. Há ainda a programação da I Semana Cultural dos Funcionários da FFLCH.

Boa Leitura,

Comitê Editorial do Boletim Informe

ERRATA

Na edição anterior, a entrevista com o professor Ruy Fausto foi publicada com 3 erros. Na resposta à 4ª pergunta, a frase correta é “As classes eram muito **pouco** homogêneas...”. Na resposta à 5ª pergunta, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras localizava-se em **Rio Claro**, e não em Assis. E na resposta à 7ª pergunta, deve ser trocada a palavra expressivo pela palavra **excessivo**.

EXPEDIENTE

REITOR:
Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR:
Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz
DIRETOR:
Prof. Dr. Sedi Hirano
Vice-Diretora
Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara (DH), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (SDI) - Membro Assessor. **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:** Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814. **COORDENAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815, **PROJETO GRÁFICO:** Dorli Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva – MTb 35870. **COLABORADORES:** Daniel Cantinelli Sevilano, Denis Oliveira e Silva, Rodolfo Vianna, Vanessa Vieira Mariano, Verônica Reis Cristo. **SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS:** João Fernando Querido Salvado. **IMPRESSÃO:** Gráfica – FFLCH/USP. **TIRAGEM:** 1500 exemplares.



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

GABRIEL COHN

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA



À semelhança do que ocorreu em outras áreas, o ensino e a pesquisa da Política na Faculdade de Filosofia devem muito à orientação fundadora de mestres franceses. No caso, a figura decisiva foi Paul Arbousse-Bastide, filósofo de formação que trouxe para os que se formavam nesta escola o cuidado com o grande pensa-

mento clássico, que até hoje é uma marca distintiva da formação nesta escola naquilo que atualmente, já por efeito da influência norte-americana acentuada nas últimas três décadas, é denominado Ciência Política. A Bastide (um dos dois deste nome que aqui estiveram, Paul Arbousse-Bastide fazendo o trajeto da Sociologia à Política e Roger Bastide orientando-se mais da Sociologia para a Antropologia)) deve-se, por exemplo, a notável edição de obras de Rousseau num dos grandes empreendimentos editoriais da primeira metade do século passado, a “Biblioteca dos Séculos” da Editora Globo. O primeiro volume saiu em 1958, já com a colaboração do antigo assistente e depois sucessor de Bastide na cátedra de Política, Lourival Gomes Machado, erudito historiador das idéias e das artes, que veio a encerrar sua carreira na Unesco. No estudo do pensamento político, contribuiu com obras importantes sobre a tradição junsaturalista, em Rousseau e em Tomás Antonio Gonzaga. Esta última obra, aliás, sinaliza a orientação de Lourival Gomes Machado no sentido da atenção para o estudo do Brasil, tanto no quadro das grandes correntes de idéias quanto na pesquisa sobre instituições políticas, que seus próprios seguidores aprenderiam a cultivar.

A partir da segunda metade dos anos 60, o ambiente político adverso afetou mais diretamente a área de estudos políticos do que qualquer outra na Faculdade. Foram impelidos ao exílio ou a buscar trabalho em instituições extra-acadêmicas em anos decisivos os mais qualificados para consolidá-la, como Paula Beiguelman (estudiosa de ponta das instituições políticas e do pensamento no Brasil imperial, em especial Joaquim Nabuco), Oliveiros Silva Ferreira (que, ao lado do estudo aprofundado da grande tradição teórica, própria à geração fundadora, tornou-se um pioneiro tanto no estudo da América Latina quanto da atenção a Gramsci na nossa escola), Célia Nunes Galvão Quirino – Célia Barros Barreto na sua primeira publicação, na História da Civilização Brasileira dirigida por Sérgio Buarque de Holanda – tão atenta aos inconfidentes

mineiros quanto a Tocqueville ou a Bobbio), Eduardo Kugelmas e Maria do Carmo Campelo de Souza (que se destacariam, ele no estudo na historiografia política republicana e ela com trabalho fundamental sobre os partidos políticos no Brasil) e mesmo a figura de liderança que despontaria nos anos 70, Francisco Correia Weffort (cujas contribuições desde meados dos anos 60 ao estudo do populismo associavam-se à preocupação com o pensamento político, que entre outras coisas o levou a trazer ao debate na USP a figura então pouco conhecida de Raymundo Faoro). Talvez seja emblemática disso a circunstância de que a conquista da cátedra de Política por Fernando Henrique Cardoso em 1968 não tivesse tido de imediato efeitos institucionais mais fundos, até porque foi seguida pela aposentadoria compulsória do novo titular da cadeira.

Foi só nas novas condições geradas pela conjugação entre a institucionalização em escala nacional da pós-graduação e da pesquisa nos anos 70, que se traduziu na atuação da CAPES pelo lado oficial e da ANPOCS como organização civil, que a área de Política, já no interior do Departamento de Ciências Sociais, teve como gerar as bases do Departamento de Ciência Política em que viria a converter-se em 1987. Ao longo dos últimos 15 anos, fortalecido que fora graças ao esforço de Weffort, com a colaboração de Lúcio Kowarick e, já na implantação do Departamento, de colegas mais recentes como José Augusto Guilhon de Albuquerque e José Álvaro Moisés, essa área de estudos foi ganhando consistência. Isto se vem fazendo mediante a incorporação dos temas e dos métodos mais recentes no debate nacional e internacional, sem perder de vista a grande marca distintiva dos estudos políticos nesta escola, que é o cuidado com o grande pensamento político universal, com os fundamentos conceituais da análise e – tarefa mais difícil de todas – com o cultivo da capacidade reflexiva num registro crítico com arrimo em sólido conhecimento empírico.

Atualmente o Departamento de Ciência Política organiza-se em torno de três áreas de estudo básicas: Teoria e Pensamento Político, Instituições e Política Comparada e Relações Internacionais, esta última a mais recente. Com um corpo docente com formação diversificada, que inclui, ao lado de cientistas políticos “puro sangue”, pesquisadores com formação em áreas como Sociologia, Direito, Economia e Filosofia, e em vias de alcançar adequado equilíbrio entre as áreas que o constituem, o Departamento vem colhendo os frutos de uma

bem-sucedida experiência de “rejuvenescimento docente”. Nos anos recentes, especialistas mais jovens, vários deles atuando na ponta das suas áreas de pesquisa (quanto à docência, espera-se de todos a participação na formação básica dos estudantes, independente de especialidade e de titulação) vêm trazendo novos temas e novo arrojado institucional ao Departamento.

Nestas condições, o Departamento de Ciência Política entra na sétima década de vida da USP com amparo em sólidas bases e pronto para honrar as aspirações de seus mestres fundadores, que não exigiam menos do que um pensamento teórico e historicamente bem fundamentado dirigido para a análise de dados empíricos bem observados.

ENTREVISTAS

PROFA. DRA. CÉLIA NUNES GALVÃO QUIRINO DOS SANTOS

DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

POR RODOLFO VIANNA

Professora, para começarmos, a senhora poderia falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica?

Fiz meus cursos secundários (na época - ginásio e colégio científico) em escolas públicas: Escola Caetano de Campos e Colégio Estadual Presidente Roosevelt. Neste último, tive a sorte de ser aluna de filosofia de Décio de Almeida Prado que a pedido dos alunos deu várias aulas sobre existencialismo e Sartre, que estavam na moda no fim dos anos 40. Ele levou-nos para visitar uma exposição de impressionistas franceses explicando cuidadosamente o que era esta manifestação artística. Também mandava-nos ler e fazer pesquisas na Biblioteca Municipal. Para se entrar no ginásio e no Colégio passava-se por um exame de admissão e de seleção. Entrei para a Faculdade de Filosofia em 1950. Terminei o bacharelado e a licenciatura em Ciências Sociais em 1954. Fiz curso de Especialização (não havia mestrado) na então Cadeira de Política, de 1954 a 1956, quando defendi uma dissertação sobre a Ideologia dos Inconfidentes Mineiros. O tema da pesquisa era escolhido pelo professor catedrático segundo o projeto maior dos professores da Cadeira. O professor catedrático era Lourival Gomes Machado que havia iniciado um programa de pesquisa inovador: cobrir a história do pensamento e das instituições políticas brasileiras desde a colônia até a atualidade. Na época, havia poucos estudos sobre o Brasil, a não ser alguns já clássicos. A Cadeira de Política possuía apenas três professores. Após a especialização dei aula em escola secundária de história e sociologia.

Quando a senhora se tornou professora da FFLCH?

Em 1960 comecei a dar aulas na Faculdade, já na Cadeira de

Política que fazia parte do departamento de Ciências Sociais, composto pelas cadeiras de Sociologia, Antropologia e Política.

Qual a diferença que a senhora percebe do ensino que teve e o que se dá hoje na Universidade?

- a) os cursos eram anuais - o que parecia ser muito melhor - os professores tinham mais tempo para desenvolver um curso mais profundo. A avaliação dos alunos em cada curso era realizada por dois exames: um em julho e outro em dezembro.
- b) O currículo era mais amplo, havia cursos de: filosofia (um ano), ética (um ano), psicologia social (um ano), matemática (no primeiro ano, como introdução aos dois anos de estatística), 2 anos de curso de economia e um ano de curso de história e geografia; além, é claro, dos cursos considerados fundamentais de antropologia, sociologia e política, estes últimos com duração de três anos. Todos esses cursos eram obrigatórios. Somente a partir do quarto ano é que havia cursos optativos, quando se iniciava uma espécie de introdução para a especialização que se queria fazer e o aluno começava a participar das pesquisas. Os temas e linhas de pesquisa eram definidos pelo professor catedrático. Havia uma inteira liberdade de cátedra, ou seja, os currículos não eram fechados e os professores decidiam entre eles quais seriam os cursos que deveriam ser dados naquele ano. É claro que havia temas mais amplos obrigatórios, que faziam parte do currículo, tais como: Instituições Políticas Brasileiras, Teoria Política e Pensamento Político, por exemplo. Tenho a impressão de que o ensino era muito mais profundo e sólido. Os professores eram muito mais próximos dos alunos e as discussões

após as aulas eram muito abertas. Discutia-se política, arte, literatura etc.

Quais foram os principais mestres com quem teve aula, professora?

Considero minha geração privilegiada. Tivemos aulas com vários mestres franceses entre eles: Roger Bastide (sociologia); Claude Léfort (ética - passou um ano dando um fantástico curso sobre Weber), Paul Rivet (antropologia), Paul Hugon (economia). Entre os brasileiros, fomos alunos de: Lourival Gomes Machado (política). Ele era também um especialista em arte, o que lhe permitia dar magníficos cursos sobre política e arte. Lembro-me de um em especial sobre o Barroco e o Absolutismo. Neste curso aprendia-se teoria política, Brasil colônia, poder, formação e organização do Estado moderno, além de aulas sobre o barroco europeu e o brasileiro etc.; Florestan Fernandes, Antonio Candido, Rui Coelho (os três eram professores de sociologia).

Como a senhora vê o curso de Ciências Sociais?

O curso de Ciências Sociais era dentro da Faculdade de Filosofia um curso aglutinador. Uma prática muito comum era alunos de outros cursos virem assistir aulas na famosa Maria Antônia, onde, por algum tempo, estavam localizados os cursos de filosofia, história, geografia, física, matemática e letras. Além disso, éramos vizinhos da Economia que era na rua Dr. Vila Nova e próximos a FAU que era na rua Maranhão. Havia, também, um hábito bastante comum, alguns alunos cursavam, ao mesmo tempo, a Faculdade de Direito e o curso de Filosofia ou o de Ciências Sociais, portanto a Faculdade e especialmente os cursos de Filosofia e Ciências Sociais tinham esse papel integrador. Ambos tinham também a fama de serem cursos que faziam os alunos pensarem os problemas políticos e sociais do momento e, sem dúvida, abriam o horizonte para muitos jovens.

E como avalia o funcionamento do Departamento de Ciência Política? Qual é sua importância na formação do pensamento político nacional?

Penso que o ensino de Política dentro de um curso de Ciências Sociais é enriquecedor para o aprendizado da política. Acredito ser um dos fatores dos nossos cursos de política serem mais abertos e possibilitarem uma melhor compreensão do mundo. É impressionante como alunos formados pelos nossos cursos de Ciências Sociais são capazes de realizar análises da realidade política e social brasileira de maneira muito mais rica, clara e precisa, por terem tido um aprendizado de sociologia, antropologia, economia, filosofia etc., do que um

estudante de política de Universidade americana, que aprende com precisão a fazer análises quantitativas, mas, não é capaz de enxergar a realidade sócio - política de uma perspectiva histórica, qualitativa.

Professora, a senhora poderia contar uma história marcante que tenha presenciado aqui no DCP?

Há muitas histórias interessantes, sobretudo as que envolviam situações políticas graves, quando a Faculdade sofreu ataques no período da ditadura. Foram momentos em que vivíamos intensamente o que acontecia no país. Em 1964 vários professores tiveram que deixar o país. Em 1968, houve o último concurso de cátedra da Cadeira de Política. Foi um polêmico concurso, pois ele se realizou sob protestos e manifestações dos alunos contra a instituição da cátedra numa Faculdade com seu prédio da rua Maria Antônia já destruído e ocupado pela polícia. Em 1969, após as cassações, prisões e exílio houve outra perda de professores. Na área de Política, restaram apenas dois professores, que fizeram enormes esforços para que a área não desaparecesse. Alguns professores jamais voltaram, outros retornaram muitos anos após. Alguns ao voltar enfrentaram novas prisões e processos administrativos para poderem recuperar seus cargos.

Qual deve ser o papel que a Universidade exerce na sociedade, na opinião da senhora?

Em qualquer país a Universidade é o único lugar onde verdadeiramente todo e qualquer aprendizado pode se desenvolver. Ela não pode ser apenas o lugar do aprendizado de uma profissão, pois é essa variedade e riqueza de interesses que estimula pensar os problemas e criar soluções encontradas através dos diferentes conhecimentos, mesmo daqueles que parecem não ter de imediato uma serventia prática. A importância da universidade é justamente poder ter e manter essa amplitude de especialistas, esse leque de temas de pesquisa, desde os da filosofia, que podem parecer ser distantes e alheios até aqueles realizados por pequenos ou já brilhantes pesquisadores da mais complexa física quântica. Ela pode por vezes parecer elitista, mas é o único lugar onde um pensador pode ajudar os jovens a pensar e onde um cientista tem a oportunidade de transmitir suas idéias e conhecimentos para outras gerações. Sem dúvida, as Universidades públicas, como a USP, são mais aptas a manter esse nível de oportunidades e de aproveitamento dos jovens interessados e capazes que buscam com seu aprendizado, mesmo muitas vezes sem o saber, melhorar as condições da sociedade não apenas do ponto de vista econômico, mas, sobretudo de melhores condições de vida para todos.

E a USP vem cumprindo isso?

Acredito que a USP sempre procurou manter esses princípios. Apesar de sérios momentos de crise, ela tem sido capaz de se criticar, se analisar e se modificar quando necessário. A defesa que os professores fazem da Universidade onde trabalham não é, como querem alguns, puro e interesseiro corporativismo, mas é a defesa do que acreditam que deve ser uma Universidade e que a USP é um dos melhores exemplos.

Professora, para finalizarmos, a senhora poderia fazer um breve balanço sobre o que foi a Faculdade de Filosofia nos últimos 70 anos e o que se projeta para ela nos próximos 70 anos?

Acho difícil fazer um breve balanço sobre 70 anos, dos quais estive presente quase 50 anos. Mais difícil ainda é fazer prognósticos para o futuro diante de tantas incertezas.

PROF. DR. FERNANDO DE MAGALHÃES P. LIMONGI

DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

POR RODOLFO VIANNA



Professor, para começarmos, o senhor poderia falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica?

Eu fiz graduação nas Ciências Sociais, entre 1978 a 1982. Depois eu fiz o meu mestrado na Unicamp, de 1983 até 1988, tendo como orientadora a professora Maria Hermínia Tavares de Almeida, que, à época, estava na Unicamp. Hoje ela é professora do departamento. Antes de terminar o mestrado eu entrei para a USP, como professor substituto aqui no departamento de Ciência Política. Foi em 1986. Entrei, comecei a dar aulas e terminei o mestrado já como professor daqui. Eu pedi licença e fui fazer meu doutorado na Universidade de Chicago. Eu fiquei fazendo o meu doutorado, licenciado, de meados de 1988 até o começo de 1993. Voltando, reassumi minhas funções, e já em 1994 comecei a fazer pesquisas no Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). Em 1998 e 1999, passei sete meses fazendo meu *pós-doc* na New York University, também nos Estados Unidos. Eu defendi minha Livre-Docência em 2002.

Quais foram os principais mestres com quem teve aula, professor?

Olha, aqui na Política, especificamente, um professor com quem tive grande contato e que me influenciou muito foi o professor Carlos Estevam Martins. O Carlos é uma pessoa absurdamente inteligente. Eu tive aula com ele na graduação e também na pós-graduação. Eu era aluno de Campinas mas fazia cursos aqui. Outro professor que foi muito importante para minha formação aqui no Departamento de Ciência Política foi o Leôncio Martins Rodrigues, com quem tive aula aqui na graduação e, também, na Unicamp, no mestrado. Outro professor que fez o mesmo percurso e que eu tive de ter aulas aqui e lá foi Juares Brandão Lopes. Eu fiz Política I, depois uma optativa com ele aqui na graduação e, mais tarde, uma matéria na Unicamp. O Juares foi um grande professor. Que eu me lembre no momento, aqui da

USP, na Política, estes foram os meus mestres.

Na Unicamp, a maior influência foi sem dúvida a professora Maria Hermínia, minha orientadora, que antes mesmo de eu concluir minha tese de mestrado, passou a trabalhar aqui. E, no exterior, o grande professor que tive foi o Adam Przeworski, com quem trabalhei por um bom tempo. É difícil resumir a importância de ter trabalhado com o Adam.

Qual a diferença que o senhor percebe do ensino que teve e o que se dá hoje na Universidade?

Eu acho que mudou muito pouco. Tem um lado negativo e outro positivo nisto. Eu acho que a gente tem que se modernizar um pouco mais. O mundo anda, as coisas mudam. Mudou bastante coisa no nosso currículo, mas a estrutura ainda é muito voltada para autores, muito livresca mesmo, não aponta para problemas, questões de pesquisa. Mas essa é uma longa discussão, existem correntes e correntes e correntes no interior da faculdade debatendo este ponto. O fato é que ninguém tem um curso pronto e/ou a solução para todos os problemas. Acho que neste ponto já há uma evolução. Sabemos das divergências de fundo existentes e ninguém mais acredita que seja correto impor seu modelo, se é que alguém ainda tem algum. Precisamos dar lugar para que os diferentes modelos convivam.

E como avalia o funcionamento do Departamento de Ciência Política? Qual é sua importância na formação do pensamento político nacional?

Eu acho que o Departamento de Ciência Política é um departamento bastante coeso, relativamente pequeno (pequeno perto do tamanho da Universidade e de outros departamentos). Nós professores temos uma relação interna bastante intensa, muito diálogo, muita discussão que contribui para a nossa formação, para que a gente possa ter um bom ensino. Eu acho que, junto com o Departamento de Ciência Política do

IUPERJ (Universidade Candido Mendes – RJ), é o melhor do Brasil. Temos muitas pesquisas e contribuimos diretamente para o debate político nacional.

Professor, atualmente o senhor é também o presidente do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). O senhor pode nos contar um pouco sobre essa experiência?

O Cebrap tem uma história muito ligada à Faculdade de Filosofia. O Cebrap na verdade foi fundado por pessoas que foram cassadas, não só daqui da Faculdade, mas também de outras Unidades. Nomes como Fernando Henrique, Octavio Ianni, José Arthur Giannotti, Elza Berquó, Paul Singer levaram um tipo de trabalho, um tipo de formação que tinha sido construída aqui na Faculdade de Filosofia para o Cebrap. Havia uma experiência de institucionalização de um modelo de docência e pesquisa, liderado pelo Florestan Fernandes, cuja experiência foi interrompida pela ditadura militar, pelas cassações. O Cebrap foi uma forma encontrada para dar continuidade a esta experiência. Eu vejo o Cebrap como, na verdade, uma continuação da FFLCH. O Cebrap é, basicamente, formado por professores daqui que desenvolvem lá seus trabalhos de pesquisa. Um grande número de alunos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado faz suas pesquisas no Cebrap. Eu vejo o Cebrap como um centro de estudos e de pesquisas interdisciplinares que tem uma relação intensa com a Faculdade de Filosofia... quase chego a não ver separação.

E como o senhor avalia o nível da pesquisa produzida aqui no Departamento de Ciência Política?

Como eu disse, eu acho que fazemos pesquisa de ponta. É um centro de excelência no Brasil, no qual a gente tem uma produção bastante grande. Eu acho que a Ciência Social, de forma geral, sofre algum problema de falta de maior conexão com a produção feita no exterior. Eu acho que no nosso Departamento

esse problema é menor, mas ainda assim nós temos menos intercâmbios do que seria necessário. Eu observo uma certa defasagem, mas que, ainda assim, a USP é o melhor departamento de Ciência Política do Brasil. O IUPERJ corre um pouco atrás. Mas veja, temos ótima relação com o IUPERJ. Uma relação cada vez mais intensa que tem beneficiado a ambos os departamentos.

Qual deve ser o papel que a Universidade exerce na sociedade, na opinião do senhor?

O papel da universidade na sociedade é o de difusão de conhecimento, de responder questões, produzir diagnósticos. A universidade deve estar aberta para receber as demandas da sociedade e devolver produções científicas. Eu acho que isso a USP vem fazendo.

Professor, para finalizarmos, o senhor poderia fazer um breve balanço sobre o que foi a Faculdade de Filosofia nos últimos 70 anos e o que se projeta para ela nos próximos 70 anos?

Eu acho que não (risos). É muito difícil você fazer um balanço dos 70 anos da FFLCH... Isto não se faz assim de improviso. O que eu acho que deve ser notado sempre é que esta é uma unidade que sofreu uma violência imensa, suas principais lideranças foram impedidas de exercer suas atividades acadêmicas. O regime militar, com suas cassações, bloqueou o florescimento de uma experiência altamente bem sucedida. Tirar, de repente, o grande líder desta experiência que foi, sem dúvida alguma o Florestan Fernandes, que estruturava toda a pesquisa na área, tem uma consequência grave. E logo em seguida vem a Reforma Universitária. Mas a experiência foi tão bem sucedida que, com as cassações, professores muitos jovens, alguns ainda no início de suas carreiras, sem sequer o mestrado, tiveram que dar continuidade a esta experiência. O fato de nossos três departamentos, Antropologia, Ciência Política e Sociologia estarem na ponta da produção científica em suas áreas, mostra que estas novas lideranças estiveram a altura das tarefas a que foram chamados.

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A MISSÃO FORMADORA DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Desde o início, a preocupação fundamental do Departamento de Filosofia foi com o rigor dos estudos filosóficos, contrapondo-se ao ambiente intelectual do país que, principalmente na primeira metade do século XX, caracterizava-se por certa fluidez e abuso da retórica, bem como pela importação não

crítica de novidades européias. Os primeiros professores franceses, construtores iniciais de nossa tradição, pautavam o trabalho pela análise das idéias a partir de leitura rigorosa dos textos, normalmente clássicos. Tal viés de formação marca até hoje o estilo de trabalho de Departamento de Filosofia e tor-

nou-se paradigma para vários núcleos universitários de filosofia que se constituíram posteriormente.

Essa busca de excelência aflora também numa preocupação conexa: a formação de uma terminologia filosófica em português, que viesse a contribuir para o aprimoramento dos textos e do intercâmbio de idéias. Nesse sentido foram sumamente preciosos os aportes terminológicos oriundos de traduções realizadas por docentes deste Departamento, trabalho intensificado nos anos 70 e 80, e que continua até hoje, sempre perseguindo a mesma finalidade: a de constituir em português um vocabulário filosófico fundado no conhecimento rigoroso das línguas de origem e numa reflexão filológica competente, capaz de atingir a pertinência das equivalências vocabulares e a fidelidade ao sentido original.

O que se conseguiu assim estabelecer nesses últimos cinco ou seis decênios foi um estilo de reflexão filosófica efetivamente formadora de um pensamento rigoroso, constituindo assim uma tradição acadêmica na área cujo mérito é amplamente reconhecido nacional e internacionalmente. Isso está refletido na produção do Departamento. As exigências de rigor expressaram-se desde logo em monografias e estudos que, deixando de lado o amadorismo ensaístico de um intelectualismo superficial, vigente em épocas passadas, trilham o caminho da precisão analítica, do estudo criterioso das fontes e da originalidade da reflexão, constituindo-se alguns como marcos referenciais da maior importância.

E sem dúvida o motivo maior dessa confluência de resultado está na ênfase dada ao rigor da pesquisa, não apenas no sentido do trabalho de investigação teórica desenvolvido pelos docentes, mas também no que toca às exigências feitas aos estudantes, desde a graduação, no sentido de transmitir-lhes esse requisito básico da formação. Por isso podemos dizer que o Departamento de Filosofia logrou obter um equilíbrio bastante estável entre a pesquisa e o ensino, associando-os concretamente na definição de um trabalho filosófico de alto nível e compatível com as mais elevadas exigências universitárias.

Acreditamos que esse perfil formador, constituído pelas mais estritas relações entre ensino e pesquisa, é a grande contribuição desse Departamento, e o propósito de poder mantê-lo e aprimorá-lo institucionalmente é o que anima todos os nossos esforços para que o Departamento atue de forma cada vez mais fiel a esses parâmetros.

De modo geral, pode-se dizer que as demandas sociais a que está constrangido o Departamento de Filosofia se organizam em torno de dois eixos: **(1) o eixo da formação** - que inclui **(a)** a formação básica da graduação e **(b)** a formação de pesquisadores e professores de nível superior; e secundariamente **(2) o eixo da cultura e extensão** - formação de

produtores, divulgadores e críticos culturais que possam atuar nos setores de informação, de eventos culturais e de conselhos ético-profissionais, bem como formação cultural mais ampla de profissionais de outras áreas a qual se expande para o público interessado na cultura.

No primeiro eixo, o Departamento de Filosofia tem como *desideratum* geral dedicar-se à formação de cidadãos competentes em suas avaliações morais e socialmente responsáveis e capazes de agir autonomamente, vale dizer, de maneira crítica, respeitando a diversidade e visando a uma sociedade mais justa e democrática. A efetivação desse *desideratum* tem em vista a constituição de dois contingentes: em primeiro lugar, aqueles que seguirão na filosofia como profissionais, o que quer dizer, farão um curso de pós-graduação, dedicar-se-ão à pesquisa e ao ensino superior nas universidades públicas e privadas do país; em segundo lugar, aqueles que recebem uma complementação cultural e humanística a sua formação profissional ou especializada anterior ou atuam como produtores em outras esferas da cultura.

Cabe comentar a ausência no eixo de formação do Departamento de Filosofia para formação de professores de ensino médio, de modo que também este contingente pudesse ser profissionalizado. A razão é fundamentalmente histórica e está ligada à reforma do ensino empreendida pela ditadura militar nos anos 60 e 70 e que, no bojo de um ataque geral às ciências humanas e deliberadamente à memória cultural e histórica da nação, banuiu do ensino médio, aquilo que deveria proporcionar a formação geral e de base do cidadão brasileiro, as ciências humanas - história, geografia, sociologia e filosofia, substituídas por um amálgama confuso denominado "educação moral e cívica", ao mesmo tempo em que promoveu uma expansão do ensino médio público e privado na direção da profissionalização técnica. Mesmo depois das sucessivas reformas empreendidas nas décadas posteriores, a filosofia continuaria excluída da grade obrigatória das disciplinas do ensino médio. Isso gerou, em virtude das considerações iniciais, uma ausência, modulada pela regulamentação e organização institucional do ensino, de demanda social por professores de filosofia para o ensino médio. Como se poderá comprovar mais adiante, parte das metas e das ações previstas no presente plano de desenvolvimento acadêmico visam induzir uma demanda social por professores de filosofia e criar um terceiro contingente de formação, a saber, daqueles formados em filosofia que se dedicarão ao ensino médio (meta de longo prazo - 10 anos; ações continuadas e sistemáticas a serem implantadas a curto prazo - 2 anos).

Evidentemente o núcleo da missão formativa do Departamento de Filosofia está na formação de pesquisadores e pro-

fessores de nível superior. Com um corpo docente altamente qualificado, o Departamento de Filosofia mantém um programa de pós-graduação nos níveis de mestrado, doutorado e pós-doutorado, por meio do qual é responsável pela formação acadêmica de um número significativo de professores de filosofia das universidades públicas e privadas do país.

O incentivo à pesquisa na graduação se dá através do Programa de Iniciação Científica do Depto. de Filosofia e do PET de Filosofia. A iniciação científica tem como principais características o trabalho orientado por um professor, tendo em vista especificamente a elaboração de uma monografia, e a dedicação exclusiva ao estudo. O PET, por sua vez, é um Programa de Tutoria: envolve o acompanhamento global e personalizado das atividades escolares e da formação intelectual, em sentido amplo, dos bolsistas. Ambos devem refletir-se num melhor aproveitamento das disciplinas em geral, auxiliando inclusive na elevação do nível de trabalho discente em sala de aula. Além da elaboração de uma monografia e/ou de um projeto de mestrado, durante pelo menos quatro semestres de sua participação, os estudantes integram seminários organizados pelo PIC ou pelo PET e/ou, a critério do tutor ou do orientador, devem participar dos seminários especializados mantidos pelo Departamento e das atividades extraordinárias pertinentes, como assistir conferências, participar de colóquios etc. Todos os professores do Depto. orientam graduandos. Ambos os Programas organizam os processos de seleção, público e coletivo, segundo um calendário fixo, para bolsistas de diversas modalidades (PIBIC, PET, da Faculdade). Programa de Iniciação Científica pode incluir também bolsistas de outras agências (em especial da Fapesp) e orientandos não-bolsistas. Nos últimos dez anos, há, em média, 50 orientandos por ano. Os estudantes participam de dois colóquios anuais: o Seminário Internacional de Iniciação Científica da USP e o Encontro de Pesquisa em Filosofia na Graduação, já na sua sétima edição e que conta com a participação de um grande número de graduandos em Filosofia de todo o Brasil. Os trabalhos apresentados são publicados nos cadernos *Primeiros Escritos*.

A pesquisa tem-se desenvolvido em torno das quatro áreas do Departamento. Do ponto de vista organizacional, podemos destacar nos últimos anos a formação de grupos de pesquisa e a implementação de projetos temáticos. Fiel ao princípio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, o Departamento procura, desde a graduação, proporcionar aos alunos condições de elaboração e de desenvolvimento de projetos, tal como ocorre no Programa de Iniciação Científica. Vale acrescentar que estes grupos constituídos mantêm intercâmbio com vários núcleos de pesquisa filosófica no país, principalmente aqueles que são reconhecidos como centros de

excelência. Além disso, o Departamento busca contatos regulares com universidades e centros de pesquisa estrangeiros, o que tem resultado em inúmeros convênios e outras formas de intercâmbio. A presença rotineira de professores visitantes nas diversas áreas do Departamento tem contribuído para a diversificação e o aprimoramento da pesquisa, principalmente na pós-graduação. Por outro lado, cabe mencionar também que professores e alunos do Departamento têm realizado estágios no exterior, aí compreendidas atividades de pesquisa e de docência. Toda esta atividade redundou em um número significativo e crescente de publicações no Brasil e no exterior.

O principal gargalo nas atividades de pesquisa do Depto. de Filosofia é a insuficiência da Biblioteca da Faculdade. É verdade que nos últimos dez anos, em especial, houve uma notável melhora de suas condições de funcionamento e um significativo crescimento do acervo, devidos, em boa medida, aos recursos aportados pela FAPESP e, em grau bem menor, às agências de fomento federais. Ainda assim, continuamos muito longe do mínimo necessário para garantir o desenvolvimento da pesquisa. Como o acesso bibliográfico é condição *sine qua non* de nosso trabalho e a Biblioteca equivale ao "laboratório" básico de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, é imperioso que receba a atenção e os investimentos necessários.

A Biblioteca não atende à demanda dos professores, cuja pesquisa tem se desenvolvido graças a acervos pessoais e viagens ao exterior. Só pode atender muito parcialmente às necessidades dos estudantes de graduação, o que exigiria um número inviável de duplicatas, uma vez que as classes de Graduação estão superlotadas por mais de uma centena de estudantes. Limita-se, portanto, a suprir às necessidades bibliográficas *básicas* dos estudantes de pós-graduação, que ainda assim também continuam dependendo tanto dos recursos de Reservas Técnicas (cada vez mais escasso) ou de Taxas de Bancada, quanto de viagens ao exterior.

Se no caso de professores e estudantes da USP as dificuldades de acesso bibliográfico têm sido parcialmente minimizadas pelos procedimentos citados, por outro lado, a insuficiência do acervo está bloqueando decisivamente a implementação de programas de pós-doutorado de maior envergadura, quando justamente se trata de, ao invés de enviar nossos pesquisadores ao exterior, trazer pesquisadores de outras regiões e de outros países. Não é necessário ressaltar a atual importância de tais programas para a continuidade e amadurecimento das condições de pesquisa.

No que diz respeito ao acervo específico de Filosofia, nada indica melhor sua insuficiência do que o fato de as aquisições recentes e atuais continuarem, como desde sempre, centradas nas coleções de obras de autores, prioritárias em

relação à aquisição de obras de comentadores. E mesmo neste caso ainda se está longe de atingir o padrão necessário: dispor de boas edições e traduções de obras de todos os períodos da História da Filosofia. No momento, seria possível indicar a ausência de grandes coleções em relação a qualquer um dos principais autores de qualquer período.

Mas o principal problema da Biblioteca é a precariedade da coleção de revistas, quase inexistente, para efeitos práticos: pequena, defasada, desfalcada e incompleta. Trata-se, é verdade, de um setor dos mais dispendiosos do investimento em infra-estrutura bibliográfica, especialmente porque os gastos de aquisição são permanentes. Mas, como se sabe, uma coleção de revistas é um instrumento de pesquisa indispensável e que tem recebido a devida atenção noutras áreas, em particular nas ciências. Se, em alguns casos, o acesso a bases eletrônicas tem sido de grande ajuda, no que diz respeito à Filosofia o aporte é quase nulo (e nada indica que venha a se desenvolver a curto ou médio prazos). O problema torna-se ainda mais premente porque não há qualquer coleção de revista disponível, nem em São Paulo, nem em todo o Brasil.

As carências da Biblioteca da USP (não apenas a da Filosofia) são particularmente graves por ser, de longe, o maior acervo do Estado e, no Brasil, só encontrar algum paralelo com a Biblioteca Nacional, no Rio. Na imensa maioria dos casos, o que não está disponível no acervo da USP só pode ser encontrado no exterior. As duas outras Universidades estaduais, em particular a UNICAMP, têm investido nas respectivas bibliotecas, já as escolas privadas, ao contrário, mesmo as maiores e mais ricas, simplesmente não têm bibliotecas dignas do nome.

Se, para os padrões brasileiros, a Biblioteca da USP, e em particular a da Faculdade de Filosofia, ocupam um lugar de destaque, para que se possa chegar a padrões internacionais, a qualquer título de comparação, apenas a seção de Filosofia deverá contar com um acervo maior do que a totalidade dos 500 mil títulos de que dispõe agora a Biblioteca da FFLCH. Ainda que não se possa consegui-lo de imediato deve-se trabalhar nesta direção, com o necessário planejamento.

As condições de uso também são precárias, em particular no que diz respeito ao acesso eletrônico, sendo absolutamente necessária a substituição do *Dedalus*, o atual catálogo eletrônico, mal concebido, não confiável, incompleto e completamente anacrônico. Mas também no que se refere às carências de pessoal que tornam excessivamente demorada e pouco confiável a catalogação de novos títulos e impossibilitam a implantação de serviços necessários, como a integração do acesso aos diversos acervos, a elaboração de levantamentos bibliográficos etc.

A programada construção de um novo prédio para abri-

gar o acervo de História e Geografia e a construção da Biblioteca José Mindlin, assim como a reestruturação da Biblioteca do IEB, são fatores altamente positivos (ainda que não diretamente vinculados à área), mas é particularmente preocupante que a FAPESP não esteja dando continuidade ao Programa FAP-Livros, crucial para a atualização do acervo. Creemos que se deve demandar à FAPESP ao menos um cronograma para restabelecimento do Programa e discutir novas fontes de recursos, em particular a ampliação da dotação interna e uma nova e mais agressiva política de captação de doações.

O eixo da cultura e extensão está evidentemente entrelaçado com o eixo da formação. Com efeito, não só o segundo contingente é atingido pelo ensino da filosofia desenvolvida no Departamento, mas também o primeiro contingente, pois os estudantes ao tornarem-se pesquisadores e professores, guardam o sentido e orientação da escola, tornando-se também produtores culturais, contribuindo significativamente para a criação e manutenção de um público filosófico.

O Departamento de Filosofia sempre teve um forte vínculo com a cultura e a política da cidade de São Paulo, que pode ser atestado por vários exemplos significativos. Além de alguns docentes assinarem textos para catálogos de exposições em artes plásticas, cabe lembrar ainda a constante presença de vários outros nos mais importantes órgãos da imprensa local, escrevendo sobre as mais diferentes questões, o que tem contribuído para o aperfeiçoamento do debate intelectual nas mais distintas áreas da cultura.

No plano das relações dos estudos filosóficos com a sociologia e a política, o direito e a economia, é importante mencionar as atividades desenvolvidas pelo CEBRAP, centro de pesquisa fundado por um grupo de professores da USP, entre os quais o Prof. Dr. José Arthur Giannotti, que ocupou a presidência do centro e vem liderando os trabalhos de pesquisa que ali se realizam, com a colaboração de docentes do Departamento.

Em meados dos anos 70, o Prof. Dr. Oswaldo Porchat, liderando um grupo de professores cuja maioria era do Departamento, fundou na UNICAMP o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), que logo se notabilizou como centro de excelência internacional nas áreas de lógica, epistemologia e de estudos interdisciplinares.

No campo especificamente político, não se pode deixar de referir que, de 1989 a 1992, a Profa. Dra. Doutora Marilena Chaui exerceu as funções de Secretária Municipal de Cultura e, entre outras coisas, promoveu, por ocasião das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, o grande evento "Cidade, Cidadão, Cidadania", aliás coordenado por outro professor do Departamento de Filosofia, o Prof. Dr. Sérgio Cardoso.

Nos anos 1960, especialmente os trabalhos do Prof. Dr.

Bento Prado Jr. sobre Rousseau criaram uma tradição de reflexão filosófica sobre a literatura, o que contribuiu não apenas para aproximar o Departamento das escolas de Letras da USP e de outras universidades, mas igualmente para aprofundar sua relação com a realidade brasileira, pois ninguém ignora que a literatura sempre exerceu um papel central em nossa cultura.

Em 1993, os docentes do Departamento fundaram a Discurso Editorial, sociedade civil sem fins lucrativos que visa ao desenvolvimento de atividades de apoio à docência e à pesquisa em filosofia, artes, letras e ciências humanas em diversas modalidades: tradução de livros de autores clássicos e de comentadores, produção de textos, desenvolvimento de projetos culturais nas áreas de mídia escrita e televisionada, cinema (curtas e longas metragens) CDs e vídeos, promoção de cursos, conferências, seminários, colóquios, congressos e outros.

Dentre as principais realizações da Discurso Editorial, cabe destacar:

1. Produção e administração do **Jornal de Resenhas**, publicado mensalmente na Folha S.Paulo desde 03/04/95, em convênio com a Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de Minas Gerais, *Folha de S. Paulo*. Por intermédio de textos produzidos pelos maiores especialistas acadêmicos brasileiros, o **Jornal de Resenhas** vem cobrindo uma parte significativa do que se publica no Brasil em filosofia, ciências e artes.

2. Projeto: *Clássicos e Comentadores*, tradução brasileira de obras clássicas, comentadas por ensaístas e especialistas ligados ao departamento de filosofia da USP. Os principais títulos desta coleção:

- **Paradoxo do espetáculo**, de Luiz Roberto Salinas Fortes com apoio Fapesp.
- **O Tirano e a Cidade**, de Newton Bignotto;
- **Sociologia Comteana: Gênese e Devir**, de Lelita Benoît, com apoio Fapesp;
- **Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel**, de Jean Hyppolite, traduzido por Silvio Rosa e uma equipe de pesquisadores de história da filosofia contemporânea do Departamento de Filosofia da USP;
- **Desafios da escrita política**, de Claude Lefort, traduzido por Eliana de Melo Souza;
- **Dizer o mundo**, de Francis Wolff, traduzido por Alberto Alonzo Muñoz;
- **Aristóteles e a política**, de Francis Wolff, traduzido por Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer;

- **Hegel e a sociedade**, de Pierre Macherey e H. Lefebvre, traduzido por Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer;
- **Esses livros que se lêem com uma só mão. Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII**, de Jean-Marie Goulemot, traduzido por Maria Aparecida Corrêa;
- **Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano**, de Galileu Galilei, com tradução, introdução e notas de Pablo Rubén Mariconda.

3. Coleção **Sendas & Veredas**, Com o intuito de abrir novas frentes para os estudos sobre a filosofia de Nietzsche, o Grupo de Estudos Nietzsche (GEN) e a Discurso Editorial traz ao público brasileiro a Coleção "Sendas & veredas" todos em co-edição com a Editora UNIJUÍ.

Em parceria com o Departamento de Filosofia, a Discurso Editorial vem publicando:

- **Revista Discurso** - revista do Departamento de Filosofia da USP (32 números).
- **Cadernos Nietzsche** - publicação do Departamento de Filosofia da USP (14 números).
- **Cadernos de Tradução** - publicação do Departamento de Filosofia da USP. (8 números).
- **Cadernos de Filosofia Alemã** - publicação do Departamento de Filosofia da USP (8 números).
- **Cadernos Espinosanos** - publicação do Departamento de Filosofia da USP. (9 números).
- **Cadernos de Ética e Filosofia Política** - publicação do Departamento de Filosofia da USP (5 números).
- **Cadernos Wittgenstein** - publicação do Departamento de Filosofia da USP. (2 números).
- **Rapsódia – Almanaque de Filosofia e Arte** – publicação do Departamento de Filosofia da USP (2 números).
- **Ciência & Filosofia** – publicação do Departamento de Filosofia da USP (6 números).
- **Épistémologues** - publicação do Departamento de Filosofia da USP em convênio com a Universidade de Paris VII – França. Saíram três números.
- **Scientiae Studia – Estudos de Filosofia e História da Ciência** – publicação do Departamento de Filosofia da USP (3 números).

2. As áreas da pesquisa filosófica

2.1. Apresentação do estado atual da pesquisa nas áreas

A estrutura curricular do Departamento de Filosofia está assentada, desde seus primórdios, sobre duas grandes áreas

as principais: **(I) a área histórica**, que compreende o conjunto de matérias de História da Filosofia; **(II) a área temática**, que compreende o conjunto das disciplinas temáticas (outras chamadas de “normativas”), como Lógica e Filosofia da Linguagem, Ética e Filosofia Política, Teoria das Ciências Humanas, Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência, Estética e Filosofia da Arte. A despeito das subdivisões que foram sendo criadas e a despeito da crescente especialização, o Departamento tem procurado guardar fidelidade ao princípio de integração e equilíbrio entre as diversas disciplinas, mantendo ao longo do tempo inalterado o desenho de sua edificação original. Segue-se uma descrição detalhada da forma de atuar de cada disciplina.

(I) Área histórica

(a) História da Filosofia Antiga

A área de História da Filosofia Antiga apresenta características muito especiais. De um lado, ela está no início da filosofia, isto é, no início de uma atitude intelectual que se desenvolveu no Ocidente e que até hoje constitui sua marca fundamental, agora sob a forma privilegiada de ciência. Como a disciplina filosófica recorrentemente volta ao seu passado para aí buscar sua justificação, a filosofia antiga, em especial a filosofia grega clássica (na qual as figuras de Platão e Aristóteles preponderam) funciona como uma espécie de fonte à qual recorrem insistentemente as tendências mais modernas e não raramente antagônicas da filosofia. Por outro lado, os estudos de história da filosofia antiga naturalmente levam ao contato com outras áreas, como a filologia, a lingüística, a história, a sociologia e a história das ciências e das técnicas, a fim de constituírem todas o domínio comum dos estudos clássicos.

Deve-se salientar que a filosofia renovou-se, no século passado, mais uma vez, mediante uma intensa discussão com a filosofia antiga; sinal disso é o espetacular avanço dos estudos clássicos em língua inglesa, justamente lá onde ocorreu boa parte das inovações na área da filosofia contemporânea. Atualmente, os estudos em filosofia antiga tendem a se repartir nos seguintes ramos: (a) filosofia pré-socrática; (b) filosofia platônica; (c) filosofia aristotélica; (d) helenismo; (e) filosofia em língua latina. Na USP, as áreas mais representadas são (b) filosofia platônica, (c) filosofia aristotélica e (d) helenismo, em especial na versão do ceticismo. Estas três áreas correspondem aos interesses centrais dos três professores que trabalham na área, profs. Mário Miranda Filho, Roberto Bolzani Filho e Marco Zingano, bem como respondem a uma certa tradição de estudos na área, da qual o maior represen-

tante é seguramente prof. Porchat, professor emérito deste departamento. Convém, no entanto, enfatizar que os temas postos em relevo por estes pesquisadores são metafísica, ética e epistemologia, abordados em particular mediante autores dos três períodos mencionados, mas obviamente sem descuidar os outros períodos em função do tema analisado. Com efeito, nestes três temas há atualmente uma renovação importante nos estudos filosóficos em geral, e esta renovação se faz, como era de se esperar, se não por uma reapropriação dos Antigos, pelo menos com uma menção privilegiada a eles.

Nos últimos anos, consolidou-se entre nós o intercâmbio com importantes centros de pesquisa. Professores de universidades européias e americanas têm freqüentemente visitado a USP para discussão de temas em filosofia antiga. Deve-se assinalar, a este respeito, que provêm de centros de diferentes inspirações e métodos, como a ENS-rue d'Ulm, Oriel College ou Louvain-la-Neuve, de modo que o Departamento de Filosofia funciona como um lugar privilegiado no qual distintas tendências logram dialogar a respeito de temas de filosofia antiga.

É decisão da área manter um forte intercâmbio com centros nacionais e estrangeiros de pesquisa em filosofia antiga, pois estamos convictos que a filosofia depende em bom grau da discussão que tais intercâmbios fomentam. Neste sentido, desde 2001 encontra-se constituído um grupo temático com apoio da FAPESP, intitulado *Ética e Metafísica em Aristóteles*, mas com a ambição de, a partir da filosofia aristotélica, abranger o inteiro campo da filosofia antiga. Este grupo temático organiza anualmente colóquios internacionais, além de promover a discussão regular sobre temas de filosofia antiga. Em especial, deve-se salientar que ele fortalece o contato que sempre existiu entre a USP e a UNICAMP, tornando-o agora sistemático, e, deste modo, criando o mais importante pólo nacional de estudos em filosofia antiga.

b) História da Filosofia Patrística e Medieval

A área de estudos de História da Filosofia Patrística e Medieval é a mais recente do Departamento, tendo sido implementada a partir da década de noventa. Sem detrimento do empenho de diversos outros professores do Departamento para sua consolidação, ela conta, no momento, com três especialistas: Prof. Dr. José Carlos Estêvão, Prof. Dr. Moacyr Novaes e Prof. Dr. Lorenzo Mammi (este último recém-contratado). Os principais temas de estudo são a obra de Agostinho e a tradição nominalista medieval.

O foco de atuação tem sido a formação de estudantes. Em primeiro lugar, pelo desenvolvimento de uma programação de cursos de Graduação capaz de lhes permitir um contato

efetivo com este período da História da Filosofia. Em segundo lugar, pela orientação de pós-graduandos. Desde meados da década de noventa, foram defendidas seis teses (incluindo as dos professores da casa) e doze dissertações (sete das quais orientadas pelos professores da área). Houve ainda onze iniciações científicas, oito delas sob orientação daqueles mesmos professores. Estão em andamento seis doutorados (um dos quais em regime de co-tutela: Paris IV, Sorbonne), três mestrados e três iniciações científicas. Tal processo de formação, visando, em especial, criar a necessária massa crítica, apresentou resultados positivos, embora de qualidade desigual. Mesmo assim, pode-se dizer que o padrão de nossos melhores trabalhos não é apenas correto, mas bastante original em relação à produção internacional.

Dadas as condições particularmente lentas de maturação do pesquisador na área, ainda não foi possível iniciar uma política consistente de publicações. Quanto ao caráter ainda incipiente de implantação da disciplina, cumpre lembrar, para ficar num exemplo próximo, que a organização da Sección de Estudios de Filosofia Medieval da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires remonta aos anos sessenta e conta com mais de dez especialistas.

Embora não se esteja vivendo, no plano internacional, um período particularmente fecundo para a História da Filosofia Patrística e Medieval (diferentemente do que ocorreu, por exemplo, em meados do século XX), ainda assim os contatos internacionais têm sido freqüentes, de bom nível e fortemente seletivos, ou seja, cada vez mais direcionados a pesquisadores estrangeiros com os quais seja possível estabelecer relações de trabalho de mão dupla.

Em termos nacionais, o Departamento de Filosofia da USP aparece como uma exceção, quer pelo padrão acadêmico, quer pelo número de professores e de estudantes. A introdução da disciplina de Medieval nos currículos de graduação (aliás, uma particularidade brasileira) tem propiciado intensa demanda de professores especialistas, mas a grande maioria dos departamentos de Filosofia, mesmo nas boas universidades, restringiu-se à contratação de um único docente capacitado, número por certo insuficiente para proporcionar condições mínimas à implantação de estudos na área, em especial na pós-graduação, sem falar dos custos dos investimentos em infra-estrutura de pesquisa.

Os professores de História da Filosofia Patrística e Medieval da USP têm participado ativamente da estruturação da disciplina tanto no âmbito estadual, com a organização do Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo (CEPAME) — que congrega grande parte dos especialistas das universidades paulistas e que mantém suas atividades,

sem interrupção, desde o início dos anos noventa —, quanto no âmbito nacional, com a organização do Grupo de Trabalho de Filosofia Medieval da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), cujo núcleo é composto por professores de universidades paulistas, da UFRGS, da UFMG e da UNB, entre outras.

O amadurecimento da área de estudos em Filosofia Patrística e Medieval depende em boa medida da continuidade dos esforços realizados pelo Departamento de Filosofia da USP, o que implica, além de uma política de publicação, prever também a contratação de pelo menos dois professores nos próximos cinco anos. Isso se faz necessário porque, embora estejam relativamente supridas as demandas específicas do curso de graduação, ainda será preciso cobrir as principais correntes do pensamento medieval. É forçoso lembrar que, em História da Filosofia Medieval, a diversidade das heranças platônica e aristotélica, bem como a fértil contribuição dos pensadores árabes, exige uma ampliação do conjunto das disciplinas, a fim de que se possa dar minimamente conta do amplo e variado leque de temas e autores de um período que se estende por mais de mil anos.

Tal amplitude demanda também um suporte bibliográfico extraordinariamente vasto. Apesar do enorme avanço dos últimos dez anos, a Biblioteca da FFLCH permanece particularmente pobre nesse item. Viagens internacionais de professores e estudantes têm servido para suprir apenas as carências imediatas, mas a deficiência ainda é notória.

Dificuldades locais e restrições materiais impedem ainda a implantação de um programa de pós-doutoramento que agregue, em curto prazo, um conjunto mais expressivo de pesquisadores, em especial estrangeiros.

c) História da Filosofia Moderna

c.1) História da Filosofia Moderna I

Na grade curricular de nossa graduação, a disciplina de História da Filosofia Moderna I sempre ocupou uma posição privilegiada no diálogo não apenas com as disciplinas temáticas como também com as outras áreas da História da Filosofia. Daí sua presença constante no início do curso. Devido a esta importância histórica e didática, praticamente todos os professores do Departamento foram levados a discutir e dominar as questões colocadas pela modernidade, tanto na sua vertente racionalista, centrada no pensamento cartesiano, quanto no chamado “empirismo inglês”, particularmente em Berkeley e Hume. Isto fez que por muito tempo esta área, central na História da Filosofia e na tradição do Departamento,

permanecesse com apenas um representante no corpo docente, a Profa. Dra. Marilena Chaui, e por isso manteve-se com a colaboração sistemática de professores de outras áreas. O que porém não impediu que a USP se mantivesse como centro de referência para os estudos de filosofia moderna no Brasil, tendo sido responsável pela formação de muitos dos especialistas da área que hoje atuam em outras universidades.

Nos últimos dez anos, todavia, os estudos de filosofia moderna ganharam novo perfil e nova orientação, sobretudo em decorrência da constituição do Grupo de Estudos do Século XVII e dos trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado de seus membros. Cabe destacar que o Grupo está vinculado à Associação Nacional de Estudos Filosóficos do Século XVII, que congrega especialistas de várias universidades brasileiras e realiza colóquios internacionais bienais. O próprio grupo já organizou dois destes encontros internacionais: *III Colóquio Internacional de Estudos Filosóficos do Século XVII: Cartas filosóficas, científicas e literárias: o papel da correspondência* (1999), *V Colóquio Internacional de Estudos do Século XVII: Experiência e Razão no Século XVII* (2003), além de diversos Encontros e Jornadas regionais e nacionais. As atividades do Grupo também contaram com cursos e conferências de vários professores estrangeiros como Bernard Pautrat (École Normale Supérieure), Michel Malherbe (Université de Nantes), Jean Marie Beyssade (Université de Paris IV), Paolo Cristofolini (Scuola Normale Superiore di Pisa), entre outros. Note-se ainda que os *Cadernos Espinosanos*, publicação iniciada pelo Grupo em 1997 para divulgar estudos sobre o pensamento seiscentista, já estão em seu décimo número. No fim de 2002, as atividades do grupo assumiram a forma de um projeto temático da FAPESP.

No trabalho desenvolvido a partir da criação do Grupo, o estudo do latim, língua da maior parte das grandes obras filosóficas do século XVII, tornou-se uma preocupação central, como aliás manda a tradição do Departamento de leitura dos filósofos no original. A isto associou-se a tematização da retórica moderna, da concepção seiscentista de “letras”, do conceito moderno de história e de ciência, dos debates jurídico-teológicos Reformados e Contra-reformados, assim como de suas consequências éticas e políticas. Este novo instrumental trouxe grande rigor filológico, histórico e crítico para os novos trabalhos, dando à área de Moderna um perfil bastante definido. Os dois claros conquistados no ano passado para a área visam trazer aos cursos de graduação e pós-graduação do Departamento profissionais com o referido perfil, independentemente de terem realizado suas formações na USP ou fora dela. Um destes claros foi recentemente preenchido pelo Professor Dr. Luís César Oliva. Mesmo com o segundo concurso,

porém, a área pode ter novas carências, dado que a Profa. Dra. Marilena Chaui já completou seu tempo de aposentadoria. Sendo assim, uma nova vaga nos próximos cinco anos é fundamental para não comprometer o estabelecimento deste novo perfil da área.

c.2) História da Filosofia Moderna II

Como uma das partes constituintes da área de História da Filosofia Moderna, esta disciplina contempla o estudo da filosofia de Kant aos pós-kantianos, entre os quais se incluem nomes como Reinhold, Jacobi, Schulze, Maimon, Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer e, também, em certo sentido, Kierkegaard.

Até meados da década de noventa, a disciplina contava entre seus mestres formadores figuras de muita importância para a interpretação do pensamento do período, como Gerard Lebrun, Rubens Rodrigues Torres Filho e Paulo Eduardo Arantes. Hoje, ela não tem nenhum docente dedicado exclusivamente à área, e os cursos são ministrados por professores de outras áreas (geralmente formados por aqueles primeiros), como, por exemplo, Filosofia Contemporânea, Teoria das Ciências Humanas e Estética. Por força dessas circunstâncias, também as teses de mestrado e doutorado sobre questões ligadas ao período (ainda em número expressivo, contrariando as expectativas), são orientadas por esses mesmos professores. Apesar de todo o esforço para suprir essa deficiência, é notório que tal se faz em prejuízo das próprias atribuições dos docentes e do desenvolvimento consistente da área.

d) História da Filosofia Contemporânea

A área de História da Filosofia Contemporânea desperta um interesse natural em estudantes e pesquisadores, visto que nela devem ser analisados e discutidos os problemas da atualidade. Tradicionalmente, no Depto. de Filosofia da USP, essa área deveria abrigar os grandes autores e temas do período compreendido entre Hegel e nossos dias. Mas é evidente e crescente a defasagem entre aquilo que a área deveria proporcionar e o trabalho efetivamente realizado, seja em oferta de cursos, seja no desenvolvimento de pesquisas. O trabalho de fato desenvolvido tem se centrado na obra de Bergson, na filosofia de Nietzsche, e na fenomenologia husserliana, com seus desdobramentos franceses, como Sartre e Merleau-Ponty, mas não com seus desdobramentos alemães como, por exemplo, Heidegger. As aposentadorias do Prof. Paulo Eduardo Arantes e do Prof. Ruy Fausto fizeram com que, desde então, a área não pudesse mais oferecer

curso sobre temas que vão de Hegel a Marx e adjacências. E a área nunca contou com especialistas na filosofia contemporânea de linhagem anglo-saxã, o que deixa os estudantes à margem de um bom número de debates da atualidade. Assim, seria essencial para a área de História da Filosofia Contemporânea recuperar as especialidades que perdeu em virtude de aposentadorias, bem como expandir seu campo de trabalho para domínios que, em virtude da formação de seus docentes, ela efetivamente nunca pôde tratar.

Fundado em 1996, o *Grupo de Estudos Nietzsche* reúne estudiosos brasileiros do pensamento do filósofo alemão. As atividades do Grupo estão voltadas principalmente para a publicação da Coleção “Sendas e Veredas” e dos Cadernos Nietzsche e para a promoção dos Encontros Nietzsche. A coleção propõe-se a apresentar títulos expressivos da produção brasileira sobre a filosofia nietzschiana, traduções comentadas de escritos do filósofo ainda inexistentes em português e editar textos de pensadores contemporâneos seus. Os *Cadernos Nietzsche* foram concebidos como um fórum de debates das múltiplas questões levantadas pela reflexão nietzschiana. Os *Cadernos Nietzsche* já se encontram no número 15. Em parceria com outros departamentos de filosofia brasileiros, os Encontros Nietzsche ocorrem nos meses de maio e setembro e já contaram com a participação de pesquisadores de Portugal, da Argentina, do Chile e da Colômbia. O Grupo mantém parcerias internacionais com a Nietzsche Society, com a American Nietzsche Society, com a British Nietzsche Society, com a Stiftung Nietzsche-Haus in Sils Maria, com a Stiftung Weimarer Klassik.

II) Área Temática

a) Lógica e Filosofia da Linguagem

A importância e a complexidade das disciplinas de Lógica e de Filosofia da Linguagem no pensamento contemporâneo tornam hoje indispensável uma formação mais aprofundada, já no nível da graduação.

No que diz respeito à Lógica, a área deveria oferecer regularmente em sua grade curricular de graduação duas disciplinas de lógica elementar (uma obrigatória e outra optativa), uma disciplina optativa de metateoremas básicos, uma disciplina de história da lógica e uma de filosofia da lógica. Em nível de pós-graduação, seria importante poder oferecer disciplinas como introdução à teoria dos modelos, introdução à teoria de conjuntos, introdução à teoria da prova, lógicas não-clássicas, história da lógica e filosofia da lógica.

Com a saída do Prof. Newton da Costa e com a aposen-

tadoria do Prof. Armando Mora de Oliveira, a oferta regular dos cursos de Lógica atualmente constantes do currículo, já então difícil, ficou altamente prejudicada.

Na Filosofia da Linguagem, a situação também se agravou. Embora na graduação seja oferecido apenas um curso (optativo) de Filosofia da Linguagem, mandam a tradição e o entendimento do Departamento que os cursos de História da Filosofia Contemporânea, de Filosofia Geral e de Introdução à Filosofia sejam também franqueados ao estudo dos principais autores nessa matéria, como Austin, Searle, Frege, Russell, Wittgenstein, Carnap e Quine.

A área corre ainda sério risco de ficar restrita a apenas dois docentes, o Prof. Dr. João Vergílio Cutter e a Profa. Dra. Andréa Loparic, caso o Prof. Dr. Luis Henrique Lopes dos Santos tome a decisão de requerer aposentadoria.

b) Ética e Filosofia Política

Se observarmos que o lema, talvez mais fundamental, que presidiu as orientações pedagógicas e da pesquisa na formação do Departamento de Filosofia foi, certamente, o de que “o ensino da filosofia deverá ser primeiramente histórico” para ser, em seguida, “mais contemporâneo”, e o de que tal ensino se faz pela leitura rigorosa, frequência e meditação dos textos dos grandes filósofos, compreenderemos que o ensino que oferecemos tenha se organizado segundo o eixo da “História da Filosofia” e se pautado por cursos “monográficos” de interpretação dos clássicos em suas grandes obras. Podemos verificar ainda que a implantação deste eixo central, através de cursos regulares e o estabelecimento de referências mais constantes, começou pelas áreas de Filosofia Antiga (Grécia clássica) e Moderna (questões metafísicas e epistemológicas de Descartes a Kant e aos pós-kantianos), prolongou-se nos cursos de Filosofia Contemporânea (Hegel, pós-hegelianos e fenomenologia) e, mais recentemente, de Filosofia Medieval, restando, portanto, ainda, o estabelecimento de um ensino mais substantivo e regular no domínio da filosofia helenística e romana bem como de sua retomada renascentista, o caldo de cultura filosófica que, ao lado da neo-escolástica, abre para as questões dos modernos.

Ao lado deste grande eixo vemos o desenvolvimento de disciplinas voltadas para domínios especiais de investigação e pautadas por interesses mais temáticos, como a Teoria do Conhecimento e Filosofia das Ciências, Lógica e Filosofia da Arte. Os estudos de Ética e Filosofia Política apresentaram, no entanto, um percurso peculiar. Razões culturais e históricas bem determinadas – além da eminência da chamada Filosofia Prática na História da Filosofia – deram a este domínio uma

relevância de primeira ordem na formação oferecida pelo Departamento na própria rotina dos cursos de História da Filosofia, dedicados freqüentemente a filósofos ou obras clássicas da disciplina, seja em função do interesse de seus temas, seja por motivos éticos ou políticos. Os exemplos são muitos. Vão dos cursos sobre a República de Platão ou sobre as Éticas de Aristóteles, na área de Antiga, àqueles sobre a moral cartesiana, os Tratados de Espinosa ou a reflexão ética e política de Kant, sem contar os casos ainda mais freqüentes da abordagem destas questões nos cursos de Filosofia Contemporânea, de Hegel a Marx, a Sartre ou Merleau-Ponty. Tudo isto permitiu a muitos estudantes uma formação bastante razoável neste domínio, como ocorreu com os próprios docentes atuais da disciplina.

Ora, em função desse respaldo – relativamente fortuito, mas constante – dado pelas disciplinas de História da Filosofia, a área de Ética e Política pode, em grande medida, desvencilhar-se do compromisso com muitas de suas referências e interesses – autores e temas – clássicos (a questão dos regimes de governo ou das constituições políticas, a natureza do discurso político, a tradição jurídica, os grandes temas da ética antiga), para se limitar a um horizonte que poderíamos, em certo sentido, denominar temático, aquele das doutrinas contratualistas dos séculos XVII e XVIII e seus ambientes intelectuais específicos — o jusnaturalismo moderno e a Ilustração francesa —, num esforço, amplamente justificado, de reconstituição dos fundamentos das teorias políticas modernas e dos embates entre o Liberalismo e o Marxismo.

Seguramente se admitirá que este recorte, que tem desenhado o eixo mais constante das ementas das disciplinas oferecidas pela área, permanece, hoje, incontornável e necessário; porém insuficiente, diante dos desafios que atualmente se apresentam para a reflexão ética e política. Assim, de um lado, impõe-se aprofundar e ampliar o próprio arco das questões da tradição contratualista que têm sido trabalhadas, seja no sentido de ampliar sua compreensão histórica e a abordagem de seus diversos campos temáticos (buscar uma visão mais abrangente de certas continuidades e rupturas que o jusnaturalismo moderno assinala em relação à tradição clássica ao tentar introduzir uma nova maneira de pensar a política e o direito, bem como seus vínculos com a história e com as reflexões sobre a história do Renascimento à Ilustração, entre outras questões), seja no sentido de examinar suas implicações nas discussões contemporâneas da Política e do Direito (direção em que autores como Hannah Arendt, Raymond Aron, Leo Strauss, Michel Villey, Claude Lefort, Giorgio Agamben mostram-se indispensáveis para a compreensão das novas formas de inserção no espaço do direito e da conquista da

cidadania, devendo, pois, estar necessariamente presentes nas ementas de nossas optativas). De outro lado, é preciso considerar que os desafios do debate contemporâneo só poderão ser enfrentados de maneira adequada mediante uma drástica ampliação da formação que temos oferecido na direção de problemas clássicos da Filosofia Prática propostos na tradição da Filosofia Antiga. E não se trata apenas de preparar os estudantes para a apreciação crítica das recentes retomadas e *aggiornamentos* de perspectivas clássicas em empresas como as dos chamados Comunitaristas ou aquelas da reinterpretação do Ceticismo no plano ético e político, mas trata-se, sobretudo, de reatar, de maneira adequada e rigorosa, o vínculo indissociável da disciplina com autores e problemas que constituem o fio mais fundamental das idéias e práticas que a tradição ocidental denomina éticas e políticas. O intento aqui não é, evidentemente, a erudição ou a simples recapitulação das doutrinas, mas a certeza sobre sua aptidão para alimentar e iluminar a reflexão, num momento em que parece esgotar-se o processo das rupturas modernas.

Considerando ainda que nossas disciplinas de História da Filosofia – por motivos diversos e justificados – têm tendido a se concentrar nas questões metafísicas e epistemológicas da Filosofia, a área de Ética e Política entende chamar a si a tarefa de fornecer de maneira apropriada e regular a formação histórica indispensável nos domínios de sua tradição específica. Enfim, a área de Ética e Política, sem negligenciar o trabalho que tem desenvolvido, pretende agora caminhar progressivamente na direção de um ensino mais articulado com a reflexão contemporânea e naquela de uma retomada mais abrangente e consistente de seus clássicos, dos Antigos ao Renascimento. Contamos, assim, poder oferecer regularmente ao menos uma disciplina de formação mínima voltada para autores e questões “pré-modernos” e outra dedicada aos “modernos”, além de um leque de optativas capaz de permitir aos estudantes interessados uma real abertura para a reflexão contemporânea, alicerçada, porém, no discernimento crítico de suas bases conceituais e históricas.

c) Teoria das Ciências Humanas

O sentido da estrutura curricular do curso de filosofia da USP parece-nos estar posto em um balanço entre os estudos de história da filosofia em suas épocas canônicas e as disciplinas temáticas tradicionais da filosofia: filosofia teórica, filosofia prática e estética.

Consoante o desenvolvimento do Departamento, essa estrutura básica nos parece permanecer inalterada, ao mesmo tempo em que especificações e subdivisões disciplinares

se fizeram necessárias. Nesse sentido entendemos, por exemplo, a divisão de Filosofia Moderna em duas disciplinas, mas também a criação da disciplina de Teoria das Ciências Humanas, que tinha o sentido de fazer face à crescente ramificação de tarefas no âmbito da filosofia teórica, que já contava, então, com a Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência e com a disciplina de Lógica.

Nesse contexto, a Teoria das Ciências Humanas tinha a incumbência de cobrir o amplo espectro de problemas vinculados ao que se convencionou chamar genericamente de filosofia social, especificada, entretanto, segundo a perspectiva de uma reflexão sobre os fundamentos e os resultados das diversas disciplinas das Ciências Humanas.

Na qualidade de subdivisão do domínio da filosofia teórica, a disciplina de Teoria das Ciências Humanas propõe-se a apresentar em profundidade a reflexão filosófica sobre as disciplinas clássicas, notadamente as disciplinas das Ciências Sociais, da Economia, do Direito, da História, da Psicologia e da Psicanálise. Nesse sentido, responde ao processo de diferenciação que a filosofia enfrentou nos dois últimos séculos e que levou ao surgimento de uma gama de subdivisões disciplinares e de domínios especiais de reflexão.

O ponto de referência desse processo de diferenciação parece-nos estar posto mais amplamente na reflexão sobre a passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas e na reflexão sobre o processo de modernização social daí resultante. Nesse sentido, entendemos que a variedade da reflexão nessa área tem como horizonte mais geral a referência a uma teoria da modernidade e a uma teoria da modernização capitalista. Por essa razão, os autores que se põem como referências clássicas para a disciplina são Marx, Weber e Durkheim, cujas obras tornam possível entender os desdobramentos, prolongamentos, críticas e reformulações presentes na teoria social contemporânea.

É de se notar que um tal ponto de referência aponta para uma preeminência da Sociologia, da Teoria Política e da Economia na estrutura da disciplina, o que está certamente ligado à própria história da implantação da universidade no Brasil e, em particular, da criação da FFLCH da USP. Mas esse ponto de referência não deve de modo algum obscurecer, entretanto, a importância das perspectivas da Psicologia, da Psicanálise, da História e do Direito no tratamento dos problemas. Observe-se, aliás, que não se trata apenas de perspectivas importantes, mas de perspectivas teóricas sem as quais a reflexão em torno da Teoria das Ciências Humanas tende hoje a tornar-se parcial ou mesmo irrelevante em alguns casos. Lembremos ainda como uma reflexão filosófica sobre a Teoria das Ciências Humanas deve ser sensível à problematização con-

temporânea do conceito de sujeito, assim como à discussão epistemológica sobre o regime de objetividade próprio à análise de funções intencionais ligadas à subjetividade. O destino da categoria de sujeito e a especificidade de seus regimes de objetividade é uma discussão maior no campo das ciências humanas. Daí porque a área atualmente se abre também para discussões vinculadas à epistemologia da psicanálise e da psicologia. Nesse sentido, a ampliação temática e disciplinar no âmbito da Psicologia, da Psicanálise, da História e do Direito, impõe-se no momento atual, segundo nosso diagnóstico, como premente.

Tal preocupação com a ampliação temática e disciplinar deve continuar a ser fomentada nos próximos anos, com novas contratações, inclusive, de modo a poder ampliar os horizontes para problemas de fundamentação da soberania na contemporaneidade (em especial de novas abordagens italianas e francesas freqüentemente negligenciadas), para elementos de uma nova teoria do poder em suas conseqüências sociais e culturais, bem como para investigações sobre temáticas da psicologia e da psicanálise em seus diversos níveis de abordagem teórica.

A história da disciplina de Teoria das Ciências Humanas no Departamento, bem como o desejo de ampliação do seu alcance e de suas temáticas parece-nos igualmente mostrar desde já que a perspectiva crítica em relação ao conhecimento produzido no âmbito das ciências humanas se desdobra nos aspectos da crítica da cultura, da crítica da sociedade e da crítica da ciência. Momento em que surgem importantes afinidades da disciplina de Teoria das Ciências Humanas com disciplinas da filosofia prática, notadamente com a Ética e Filosofia Política, das quais se distingue, todavia, tanto em virtude de seu domínio teórico como de sua perspectiva analítica.

Com a aposentadoria da Profa. Dra. Olgaria Matos, a área conta com três professores: Prof. Dr. Rolf Kuntz, Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra e Prof. Dr. Wladimir Safatle.

Por fim, em vista do exposto, acreditamos justificada a solicitação da disciplina para que lhe sejam concedidos três novos claros, a fim de estar em condições de realizar o projeto de expansão temática que será essencial para estar à altura dos desafios teóricos contemporâneos na área de Teoria das Ciências Humanas.

d) Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência

Na área de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência, os estudos são conduzidos de modo multidisciplinar, buscando integrar a pesquisa filosófica sobre os fundamentos da ciência e a análise histórica e social do empreendimento científico. Assim, as questões clássicas da epistemologia são exa-

minadas segundo diferentes perspectivas, que envolvem tanto a argumentação filosófica como as realizações científicas mais relevantes da época.

Procura-se salientar, de forma crítica e pluralista, a análise de problemas filosóficos centrais acerca do conhecimento e da ciência. Temas relativos à racionalidade científica, ao debate realismo/anti-realismo, aos modelos de mudança científica, à explicação, à confirmação etc. são considerados à luz da tradição filosófica e exemplificados mediante o estudo de casos históricos. As teorias da decisão racional e da solução de problemas são examinadas segundo diversos modelos e aplicadas em diferentes contextos. Tem-se em vista também a interpretação de conceitos básicos como espaço, tempo, matéria, espécie, composto químico etc. na evolução histórica e cultural do pensamento científico.

Além disso, tornam-se cada vez mais urgentes as questões éticas e políticas implicadas pelo avanço científico e tecnológico: a preservação do meio ambiente, o uso de transgênicos na agricultura, a clonagem etc.

Os estudos dos problemas filosóficos da física contemporânea têm-se dado em quatro frentes: física clássica, mecânica quântica, relatividade & cosmologia e física estatística. Uma primeira questão de relevância para a pesquisa filosófica é a das interpretações das teorias físicas, que têm gerado bastante atividade e perspectivas de pesquisa para os estudantes iniciantes e para os pesquisadores avançados. A discussão sobre as diferentes teorias da ciência tem envolvido uma investigação aprofundada do modelo reticulado de racionalidade científica de Laudan e sua aplicação a diferentes episódios da física do século XX. Além disso, tem-se desenvolvido uma nova abordagem à teoria da ciência baseada em modelos causais entre unidades de conhecimento. Esse modelo está sendo aplicado para a história da física da eletricidade e magnetismo, o que é relevante também para a vertente de pesquisa em história filosófica da ciência.

A área conta atualmente com quatro professores: Prof. Dr. Pablo Rubén Mariconda, Prof. Dr. José Raimundo Novaes Chiappin, Prof. Dr. Caetano Ernesto Plastino e Prof. Dr. Osvaldo Frota Pessoa Jr. e possui uma tradição de trabalho em equipe que remonta a meados dos anos 80. Atualmente conta com dois programas institucionais: o Programa PET dirigido pelo Prof. Dr. Caetano Ernesto Plastino e o Projeto Temático Fapesp – Estudos de história e filosofia da ciência – dedicado principalmente ao estudos das revoluções científicas e dirigido pelo Prof. Dr. Pablo Rubén Mariconda.

A área publica também três periódicos científicos: *Ciência e Filosofia*, em conjunto com outros departamentos da FFLCH; o periódico nacional *Scientiae Studia – Estudos de Filosofia e*

História da Ciência, com periodicidade trimestral e três números publicados até o momento; e o periódico internacional *Epistémologiques – Philosophie, Sciences et Histoire*, publicado conjuntamente pelo Departamento de Filosofia e pela Université de Paris 7 – Denis Diderot, com periodicidade semestral e três números publicados até o momento.

e) Estética e Filosofia da Arte

A Estética consta da grade curricular do curso de Filosofia desde a fundação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, em 1934. A partir dos anos sessenta e setenta, constituem-se duas linhas principais de atuação: uma mais voltada para a análise do objeto artístico (pintura, escultura, arquitetura, música, obra literária etc.) e outra direcionada para o estudo da reflexão filosófica sobre a arte. Hoje, as atividades de docência e pesquisa se dividem em duas: uma, voltada para o estudo da importância dos tratados de retórica antiga para a compreensão dos objetos das artes plásticas e outra voltada para a investigação das diferentes maneiras pelas quais a apreciação estética, a atividade criadora e a obra artística são tematizadas ao longo da história da filosofia.

Esse é o traço peculiar da disciplina Estética e Filosofia da Arte do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, que a diferencia de congêneres no país e no exterior. Em universidades importantes do exterior e do Brasil (como a UNB, a UFSC, a UNICAMP e a UFRJ), o curso nem sempre existe ou é concebido como disciplina pertinente aos cursos de Artes, Arquitetura etc. Algo mais próximo ao que é feito aqui começa a se delinear no Departamento de Filosofia da UERJ. A área de Estética do Departamento de Filosofia da UFMG direciona seus trabalhos principalmente para a abordagem de temas da estética contemporânea. É imprescindível lembrar que, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, a disciplina de estética já contou, num mesmo período (a partir de 1990), com número bem maior de professores efetivos (seis), mais um professor-pesquisador habilitado a orientar mestres e doutores. Hoje a área está reduzida a quatro professores.

O projeto idealizado para a disciplina tem-se revelado fértil de um duplo ponto de vista: o da rigorosa formação acadêmica e o de uma formação mais ampla, que se poderia chamar de “reflexão crítica”. A aposta intelectual que norteia o projeto se revelou acertada: é somente pelo saudável recuo aos autores clássicos, de Platão e Aristóteles a Kant e Hegel, passando por pensadores não menos vigorosos como Voltaire, Diderot e Rousseau, que se poderá melhor compreender a arte contemporânea. Como nas demais áreas do Departamento, fru-

tos não menos substanciosos dessa semente crítica têm sido as traduções de textos de autores relevantes da reflexão estética, como o *Discurso sobre a Poesia Dramática*, de Denis Diderot, a *Filosofia da Arte*, de Schelling, e o curso completo da *Estética* de Hegel (estes dois últimos pela Edusp).

Com o intuito de consolidar esse núcleo de investigação, é conveniente completar as lacunas de três períodos da história da reflexão filosófica sobre a arte. É indispensável, em primeiro lugar, a contratação de um professor pesquisador cuja es-

pecialidade seja a *estética do empirismo inglês*, que se ocupe de autores como Shaftesbury, Hutcheson, Addison, Burke, Henri Home (Lord Kames), Alexander Gérard e David Hume. Desnecessário lembrar que esses autores influenciaram toda a estética do século XVIII e XIX, não só na Grã-Bretanha, mas também na França e na Alemanha. Uma outra carência na área é a de um professor que se dedique à *estética contemporânea* (de Nietzsche aos nossos dias). Em terceiro lugar, um especialista em *poética e retórica na Antiguidade*.

ESPAÇO MEMÓRIA

GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

A homenageada é professora aposentada do Departamento de Filosofia.

O título honroso que estou recebendo hoje não é apenas meu, é também dos meus companheiros fiéis representados aqui pelo Prof. Victor Knoll. Muito obrigada.

Nos últimos dias, me dediquei a examinar atentamente alguns dos exemplares iniciais de nossa revista, não por curiosidade, mas por afeto. Vendo-a pobre, com menos de 96 páginas, em sua roupa singela bege e preta, agora, como quem recebe com orgulho um filho pródigo, posso tê-la na mão muito bonita por dentro e por fora. Muito obrigada aos meus alunos e companheiros por esse momento.

Não quero me estender muito, vou dizer apenas duas ou três palavras para agradecer o título que eu acabo de receber e para agradecer a presença de todos que vejo a minha volta: família, colegas, amigos, funcionários e professores dessa casa, que espero tenham deixado em mim a sua marca. Para quem, como eu, teve o privilégio de conhecer um grande professor como Roger Bastide, vou fazer, rapidamente, uma menção a ele, como ele era fisicamente e como era o seu método de trabalhar.

Quando o Prof. Bastide chegou ao Brasil, em 1938, nossa Faculdade era muito jovem e eu acabava de passar para o segundo ano de Filosofia. Ele tinha perto de 38 anos, fisionomia inesperadamente asiática e pronúncia bem meridional. Era, enfim, um francês atípico, sem sotaque parisiense. Um francês bem diverso do modelo que o cinema americano divulgou. Na extrema mocidade tinha atravessado um período místico, feito estágio na boemia surrealista apresentando sempre um acen-

tuado pendor pela arte e pelas culturas primitivas. Esses fatos devem ter facilitado a sua aclimação rápida ao país e, hoje, com os recursos da nova historiografia eu diria que ele soube avaliar muito bem a realidade que tinha pela frente, sobretudo porque ao invés de apoiar-se no conhecimento científico preferia servir-se do conhecimento conjectural, isto é, por aquele conhecimento que Carlo Ginzburg vai definir tão bem. Conhecimento fixado no Oriente, nas narrativas orientais em que a verdade é sempre desvendada por meio de uma série coerente de sinais imperceptíveis e de provas mudas que nós temos de ajudar a decifrar.

Deveríamos a esse raciocínio etapas muito importantes da civilização como, por exemplo, o nascimento do diagnóstico médico, infelizmente abandonado nos dias de hoje; o romance policial de Conan Doyle e, coisa inesperada, a descoberta da peritagem, na pintura, feita por Morelli. O que era admirável no Prof. Bastide era a utilização que ele fazia desses métodos artesanais de informação, que o fazia interessar-se pelos alunos, pedindo-lhes que lhe contassem seus sonhos. Uma série de informações que, às vezes, ele lia do avesso ou punha de cabeça para baixo. Era como se conhecesse a afirmação de Aby Warburg de que “Deus está no particular”, como se estivesse demonstrando aquela sensibilidade para os pequenos discernimentos de que falava Winckelmann. Quando fazia crítica literária ou de arte, e era um crítico excelente, percebia com facilidade os cacoes do autor, as obsessões, os lapsos, o afastamento ou aproximação excessiva dos modelos de que ele partia. Tomemos dois exemplos do seu estudo clássico de nosso Barroco e da pergunta que todo mundo faz: “por que o

nosso Barroco é tão mais modesto do que o europeu?”. Essas aulas eu me lembro ter assistido. Dizia ele que não é só porque a Igreja brasileira é diferente da Igreja da Europa e que pertença a um povoado ou a uma região muito pobre. As razões econômicas não são suficientes para explicar uma série de diferenças que vão ocorrer na Igreja brasileira, por exemplo, a simplificação do risco das fachadas e a redução dos ornatos na parte interna do templo. Entre os vários motivos que alinhava, em primeiro lugar, ele apontava a falta de um período protestante contra o qual a Igreja Católica tivesse que reafirmar seu poderio. Então, as marcas do poderio, ou pelo menos uma das principais, eram a riqueza interna e externa. Em seguida, porque no Brasil a sociedade leiga não estava tão ligada ao clero, porque a Igreja estava muito ligada à catequese e tomava muito o partido dos índios contra os colonos, então não era preciso defender as Igrejas. E porque o traçado das igrejas era um traçado vindo de uma época em que, na Europa, elas eram muito ricas e esses traçados dependem em grande parte do arquiteto e de seu nível intelectual, e nós não tínhamos aqui especialistas desse tipo. Em último lugar, entre as principais razões que o Roger Bastide dava, porque a sociedade colonial brasileira era patriarcal e não aristocrática e, portanto, era muito diferente da sociedade dos italianos e dos soberanos alemães, o que podia refletir a simplicidade do meio social como interpretava a carência de cultura arquitetônica. Entre essas coisas, no entanto, a mais bonita que eu vi no curso foi a análise do Aleijadinho, que hoje é tida como a clássica, mas na época foi muito inovadora. Ao analisar com atenção os vários elementos fornecidos pela bibliografia sobre Antônio Francisco Lisboa, Roger Bastide conclui que todos eles derivam da mesma fonte, isto é, Rodrigo Bretas e elas compõem a volta do grande arquiteto, do grande santeiro também, com um halo de lenda. O mesmo halo que costuma flutuar a volta do santo ou do artista. Vendo rapidamente essa lenda, constatamos que o artista não é um homem como os outros, ele é apresentado, por um lado, como um semideus e, do outro, como um fora da lei, ele fica marcado, portanto, por uma certa maldição. Muitas vezes, ele é marcado como um louco, assassino, um miserável, como dizia Bastide, haja vista Hércules e Teseu. Ou também certos poemas de Baudelaire ou Rimbaud, nos quais há uma imagem do louco, do grande artista, do gênio que é anterior à própria existência do gênio e que vai, inclusive, formar o conhecimento.

Mesmo pensando em informações que parecem exatas, - teria o Aleijadinho realmente sido leproso? O fato de ser lembrado ao longo do tempo com o martelo preso ao toco do braço não pode ser uma invenção popular? O fato de ser descrito sem dentes, sem pálpebras, violento, irascível e de

trabalhar escondido em sua tenda, envolto num manto negro será verdadeiro? Será inegável? E o fato de não sair de casa, ou de sair esgueirando-se entre as pedras que os moleques atiravam? Mesmo levando em conta que pudesse ter sido leproso, dizia Bastide, é impossível aceitar que com o instrumento nos tocos dos braços ele tivesse conseguido fazer aquela obra de extraordinária perfeição técnica. Essa a razão que levou Bastide ao problema da caligrafia. A impressão que se tem é que o Aleijadinho era muito meticoloso, de modo que não foi difícil encontrar a sua assinatura nos papéis em que reconhecia ter sido pago. Examinando essas assinaturas, concluiu-se que, se lembrarmos, sobretudo, que ele morreu com 84 anos, e essa caligrafia é a de um homem de 65 anos, é uma caligrafia perfeita. Quanto ao tema do talento, uma das fábulas que se contam é que o Aleijadinho não adquiriu o talento que ele tinha, mas que esse lhe foi dado de forma divina. É possível que ele não soubesse o latim como se diz, que era um homem bronco, mas é certo que ele pertencia a uma família relativamente erudita porque o pai dele tinha sido discípulo de Batista Gomes o qual, por sua vez, fora aluno de dois dos melhores gravadores franceses da época. Então, conferindo argumento por argumento, o Prof. Bastide chegava à conclusão que aquilo que havia na representação que o povo tinha guardado de Aleijadinho era absolutamente falso e coincidia, isto sim, com a representação tradicional e universal de que o artista é sempre marcado por um destino terrível.

Não é uma situação em que eu me sinta muito bem, mas quis mostrar como um método parecido com o de Conan Doyle pode ir descartando uma a uma as interpretações incorretas. Por que eu me lembrei disso? Porque pode-se dizer que o jovem Bastide foi na história do Barroco brasileiro um momento tão importante quanto tinha sido para a revelação do Barroco a ida de Mário de Andrade a Minas Gerais em 1919. A primeira vez em que se fala do Aleijadinho de uma maneira civilizada é nos primeiros trabalhos de Mário de Andrade sobre ele. É possível dizer que a maneira final em que nós acabamos conhecendo o papel do Aleijadinho foi com a passagem de Roger Bastide pelo Brasil.

Eu queria agradecer a homenagem do Prof. Victor Knoll. Acho que ele não vai ficar aborrecido em saber que para mim também a estadia no Departamento num momento tão difícil quanto o da “tragédia” foi importantíssimo. Então, eu agradeço sobremaneira porque a pessoa que esteve aqui para me saudar foi uma pessoa que esteve ao meu lado, como uma espécie de chefe que me deu coragem, de modo que ele foi muito bem escolhido para me lembrar esse tempo que eu tive, quando alguns de nossos auxiliares estavam sofrendo.

ENTREVISTA COM ROBERTO BRANDÃO

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO, ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH, SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. SEDI HIRANO



O entrevistado é professor aposentado de Literatura Brasileira do DLCV.

Daniel Cantinelli Sevillano: Professor, eu gostaria que o senhor me falasse sobre a Faculdade de Filosofia no tempo em que o senhor foi aluno de pós-graduação.

Roberto Brandão: Eu comecei a pós-graduação em 1964, com o professor Antonio Candido. Tinha terminado minha graduação em 1963, na cidade de São José do Rio Preto. Naquele tempo, o mestrado era chamado de especialização. Com algumas adaptações e inclusão de disciplinas, passou a funcionar como pós-graduação, nos níveis de mestrado e doutorado. Terminei o primeiro em 1968, começando, logo em seguida, o doutorado.

Além das aulas com o meu orientador, Antonio Candido, tínhamos aulas com a professora Gilda de Mello e Sousa, com Paulo Emilio, Oswaldo Porchat e Décio de Almeida Prado, entre outros. Terminei o doutorado em 1972, defendendo uma tese sobre os manuais de retórica e poética brasileiros do século XIX.

DCS: O senhor participou dos acontecimentos de 68 na Maria Antonia?

RB: Nessa época eu trabalhava no Ginásio, na Vila Anastácio, e tinha muito pouco tempo para freqüentar a Faculdade, fora o tempo dedicado às aulas, às reuniões de orientação com o prof. Antonio Candido e aos estudos e elaboração de trabalhos. No dia da célebre batalha entre a Filosofia e o Mackenzie, ou vice-versa, eu estava chegando para uma aula na Faculdade, e me surpreendi com toda aquela confusão na Maria Antonia, com tiros, bombas, correria, gritos, etc. Fiquei um tempo na rua, depois entrei na Faculdade através do pátio que ficava entre a Filosofia e a Faculdade de Economia e no Grêmio me disseram o que estava acontecendo. Eu não participei diretamente dos fatos porque minhas aulas no Ginásio tomavam grande parte do meu tempo.

DCS: O senhor participava do Movimento Estudantil?

RB: Eu participava. Era filiado ao Grêmio, e assistia a algumas assembleias, mas não de maneira ativa, pois ainda não pertencia a nenhum grupo.

Eu era novo em São Paulo, tinha acabado de vir de Rio Preto, onde havia estudado. Interessante dizer que no ano em que

eu concluí meu curso em Rio Preto, 1963, a Faculdade foi praticamente desativada, pois a partir de 1964, os órgãos de repressão do país, devidamente informados por alguns dos habitantes da cidade, imputavam aos professores a pecha de subversivos. Alguns foram presos, outros tiveram que sair de Rio Preto. De qualquer forma, penso que o entusiasmo dos que estudavam lá encontrou ambiente propício na Maria Antonia. Mal sabíamos que estávamos participando da história da Faculdade de Filosofia. Isso fez parte daquele ambiente pré-64, em que o Brasil estava tentando encontrar o seu destino, e creio que, infelizmente, terminou com o golpe de 64. Foi uma época bonita, o governo do João Goulart, porque parecia que o país ia mudar. Aliás, o Brasil tem passado por vários desses períodos de esperança de mudança, que nunca se concretizam.

DCS: Como foi a vinda para a Cidade Universitária?

RB: No início, nós ficamos instalados em espaços precários, nos barracões onde funcionou posteriormente o Instituto de Psicologia. Em 1972, quando comecei a dar aulas na Literatura Brasileira, as classes estavam nas Colméias. As Colméias eram muito frias no inverno e muito quentes no verão.

DCS: Qual era o ambiente da Faculdade nos anos 70?

RB: Era um ambiente que nos deixava meio paralisados, porque nós sentíamos que existia alguma coisa no ar, que os militares estavam nos espionando.

DCS: Por que os professores estavam reunidos naquela foto no final dos anos 70, em que estão o senhor, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Alfredo Bosi, José Aderaldo Castello, José Miguel Wisnik, Alcides Villaça, Flávio de Aguiar, Amauri Sanchez, Antonio Dimas e Zenir Campos Reis?

RB: Naquele dia fizemos nosso concurso de efetivação, depois de trabalharmos alguns anos como contratados, cumprindo estágios probatórios, com prazo determinado. Quando começamos na USP, as contratações eram em estado precário. Em geral, quando o docente iniciava a trabalhar não havia concurso de efetivação no ato de entrada, mas ele tinha que se submeter a relatórios periódicos, com projeto de pesquisa, etc. Depois, esse projeto era submetido a um parecerista que avaliava se tinha condições de ser aprovado e renovado.

Pelo que eu soube na época, a Reitoria havia autorizado a contratação imediata de alguns professores para a área de Literatura Brasileira. Como havia urgência, foram feitas seleções em pouco tempo, candidatando-se especialmente orientandos e pós graduandos que ainda não trabalhavam em outros lugares. No começo ganhávamos bem pouco. Não atraía muitos candidatos. Como disse, começamos a trabalhar em condições precárias, e lecionamos de graça até nosso contrato ser assinado. O contrato era para trabalharmos em turno parcial, e, depois de alguns anos, passamos para turno completo, até chegarmos ao tempo integral, muitos tempo depois. Uma de nossas colegas, como já lecionava há vários anos, resolveu não fazer esse concurso, pois havia informação de que essa condição valeria pelo concurso. O professor Hélio

Lopes não aparece na foto.

Do grupo dessa foto, apenas o professor Amauri resolveu posteriormente não mais lecionar na Faculdade. Os outros continuaram, e quase todos ainda dão aula na Literatura Brasileira.

DCS: O senhor se aposentou em que ano?

RB: Eu me aposentei em 1997. A razão para me aposentar é que eu já tinha o tempo suficiente para solicitar a minha aposentadoria, e como era titular, acabava participando em muitos órgãos colegiados, o que, de alguma maneira, me tomava tempo de pesquisa e orientação, além de não me sentir vocacionado para tais funções. Acho que foi uma experiência muito interessante e importante para o professor, mas achei que era melhor deixar os mais jovens participarem dessas atividades.

ENTREVISTA COM JOSÉ MIGUEL WISNIK

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO, ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH, SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. SEDI HIRANO

O entrevistado é professor de Literatura Brasileira do DLCV.

Daniel Cantinelli Sevillano: Professor, eu gostaria que o senhor me falasse um pouco da sua formação universitária.

José Miguel Wisnik: Eu entrei no curso de Letras em 1967. Logo, estudei na Maria Antonia até outubro de 1968. O final de 68 foi muito turbulento, e o curso de Letras ficou sem um espaço próprio. Primeiro, perambulamos pelo prédio da História, depois fomos para os barracões da Psicologia e por último para as Colméias.

Eu quero dizer que os anos de 1967 e 1968 foram os mais intensos da minha vida adulta. Ter vivido essa experiência na Maria Antonia, num curto espaço de tempo, foi algo extremamente marcante.

A Faculdade de Filosofia era um conglomerado humano que se encontrava no mesmo prédio. A experiência do aluno atravessava o dia; no meu caso, eu ia para a Faculdade de manhã, e muitas vezes ficava lá até de noite. Isso significava conviver muito proximamente com pessoas de outros cursos, e havia uma intensidade de troca de experiências humanas, culturais e políticas.

Eu me formei em Português, mas tive aulas com grandes professores de outros cursos, como Davi Arrigucci Junior, que nessa época estava no curso de Espanhol. Era um momento de grandes descobertas, dentro das salas de aula. Ao mesmo tempo, nos corredores da Faculdade e nas ruas, tudo isso fazia da Faculdade de Filosofia um acontecimento.

Eu quero dizer também que perto da Faculdade funcionava o Teatro de Arena, referência importante da produção cultural da época; o Teatro Oficina ficava também nesse raio cultural forte que girava em torno da Faculdade. As peças *O Rei da Vela*, *Roda Viva*, e *Galileu, Galilei*, fazem parte desse momento cultural do final dos anos 60. Os festivais de música popular, que aconteciam no Teatro Record, na Consolação, e no Teatro Paramount, na Brigadeiro Luiz Antonio, faziam parte universo.

Havia, além da formação literária propriamente dita, uma mobilização política e uma mudança cultural, que também acontecia no cinema (*Terra em Transe*, de Glauber Rocha, é de 1967), na qual nós estávamos inseridos.

DCS: Fazia-se cultura com objetivos políticos, além dos objetivos estéticos?

JMW: Sim, era uma cultura politizada no sentido de que a cultura fazia parte ostensiva da vida social. Você ia assistir a uma peça de teatro, e o programa ao mesmo tempo era um manifesto, um ensaio sobre cultura.

Naquele momento, todas as formas de arte estavam inter-relacionadas, e só depois é que se criaram nichos específicos e bolsões de público, crítica, patrocínio, etc., para cada arte. Eu não sou nenhum nostálgico de tempos passados, mas acho que não poderia dar um depoimento sem dizer isso.

DCS: O senhor acha que essas manifestações cultu-

rais refletiam o momento político em que o país se encontrava?

JMW: Foi um grande momento político-cultural, em que essas coisas estavam profundamente entranhadas uma na outra. É difícil dizer o que refletia o que.

DCS: Como estava a Faculdade nos anos 70?

JMW: Os anos 70 trouxeram o recrudescimento do regime militar, com o AI-5 e com a censura que o governo impunha aos meios de comunicação e à cultura, que não existia propriamente, ou nos mesmos termos, entre 64 e 68. No âmbito da Faculdade de Filosofia, nós viemos para a Cidade Universitária e nos afastamos da agitação cultural do centro de São Paulo, que não existia mais; e foram instalados os cursos de pós-graduação como nós os conhecemos hoje, com mestrado, doutorado, bolsas, etc.

DCS: O senhor participava do Movimento estudantil na época da Maria Antonia?

JMW: Eu acho que eu tive uma relação *light* com o Movimento Estudantil. Fiz parte de uma Diretoria do CAELL (Centro Acadêmico de Estudos Literário e Lingüísticos) e tinha certo interesse pela política, mas ao mesmo tempo eu era músico, estudava piano clássico. Eu não tinha dedicação integral à política, tinha uma aproximação, que não deixou de ser forte.

DCS: O senhor escreveu em sua tese de doutorado que gostaria de agradecer a alguns colegas pelo “circlo inacreditável da Universidade utópica”. O que foi isso?

JMW: Acontece que aqui na Cidade Universitária, dado o espaço físico do campus, não havia a possibilidade, como na Maria Antonia, de uma maior aproximação entre os estudantes, nem de experiências de troca de conhecimento não convencionais. Num dado momento, em que o curso de Letras estava nas Colméias, houve uma longa greve, em que as aulas foram interrompidas, mas as atividades dentro da Faculdade não pararam.

Houve um grupo, em Letras, que instaurou uma “Universidade Utópica”, evidentemente efêmera (eu a comparei na época ao Skylab, um satélite que se desgovernou e se desintegrou na atmosfera), em que o currículo era totalmente aberto, e professores-alunos e alunos-professores dariam aulas sobre o que desejassem. Foi uma experiência muito intensa, que aconteceu um ano antes de eu defender a minha tese de doutorado.

DCS: Eu me lembro que o senhor tinha citado o nome do professor Alcides Villaça quando escreveu sobre a “Universidade Utópica”.

JMW: E você perguntou para ele sobre o que se tratava?

DCS: Eu perguntei, e ele me disse que se lembrava de uma ocasião em que ele entrou na sua sala de aula, e o senhor e seus estudantes estavam numa roda, dançando, e que ele foi convidado a se juntar ao grupo, mas eu não sei se isso fez parte dessa “Universidade”.

JMW: Talvez tenha feito.

DCS: Quem decidia o que seria dado nesses cursos, o professor ou os alunos?

JMW: A gente acabou com essa relação professor/aluno. A aula era dada por quem quisesse, por quem tivesse um assunto sobre o qual queria falar. Eu me lembro de uma pessoa que deu uma aula sobre sonhos; eu provavelmente devo ter falado sobre música, não lembro mais, alguém falou sobre o Marquês de Sade.

DCS: Isso lembrava as paritárias de 68?

JMW: As paritárias estavam mais ligadas a um projeto político de intervenção sobre a burocracia da Faculdade, e têm a marca de 68. A “Universidade utópica” é um movimento desgarrado no final da década de 70, com uma inspiração “contracultural”.

EVENTOS

DISCURSO DO DIRETOR SEDI HIRANO NA FORMATURA DA “TURMA DOS 70 ANOS”

Saudações às autoridades e ao público presente:

É com imensa alegria que participo da cerimônia de Homenagem aos 70 anos de Fundação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com Colação Solene de Grau dos Formandos da Turma de 2003.

A Faculdade de Filosofia foi criada juntamente com a Universidade de São Paulo como a sua célula mater, cujo projeto didático-científico almejava implantar um sistema de ensino universitário de elevado padrão e que se tornaria, no decorrer dos anos, um paradigma de ensino superior em todo o Brasil e no exterior.



Havia, no projeto de sua fundação, a idéia de indissociabilidade entre pesquisa, docência e extensão do conhecimento científico e da cultura à sociedade.

No núcleo de todo o processo de fundação da Universidade de São Paulo estava, e ainda está, a Faculdade de Filosofia. Dentro dela “se desenvolveria a vida universitária, por excelência, com permanente ebulição de idéias e de novidades nos mais variados ramos do saber.”

Não há nenhuma dúvida, como já esclareceu Irene Cardoso na sua belíssima tese de doutorado intitulada “*A Universidade da Comunhão Paulista*”, sobre os entrelaçamentos estreitos que havia entre a “oligarquia paulista esclarecida” e a nova universidade.

Comentando esse livro, Alfredo Bosi indaga de uma forma instigante o seguinte: “*até que ponto a origem meio liberal, meio elitista, da nossa universidade marcou o seu percurso ideológico posterior?*” Devíamos, hoje, após setenta anos de história científica e cultural, analisar, interpretar, ajuizar.

Prosseguindo, Bosi afirma que “não convém subestimar a força real das determinações de origem. Elas pesam e resistem no centro da instituição, na ossatura da hierarquia e na sua armação burocrática, esferas cerradas em que o conservadorismo da Universidade de São Paulo parece quase estrutural. A reforma de 70, que trouxe medidas modernizadoras como a extinção nominal das cátedras, não conseguiu alterar de fato a distribuição dos poderes. E nas horas de confronto, diz Alfredo Bosi, o liberalismo se traduziu como liberdade de praticar o autoritarismo”.

Porém, como diz Max Weber, os projetos orientados pelas éticas da responsabilidade e da convicção, na vida cotidiana, produzem o “paradoxo das conseqüências”.

E, por conseqüência, esta “ossatura hierárquica em sua armação burocrática, como se fossem carcaças de ferro cerradas, não impediu a emergência de um pensamento crítico radical.

Nos poros dessa estrutura elitista e aristocrática construíram-se, nos últimos 70 anos, o conceito e a prática de docência formadora, baseada em estudos e pesquisas sistemáticas alimentadas por uma rigorosa disciplina metódica centrada na autonomia do conhecimento e no pensamento crítico.

Aprendemos, ainda, dentro dessa carcaça de ferro extre-

mamente opressora, que é necessário preservar e desenvolver, como afirmam Antonio Candido, Florestan Fernandes e Octavio Ianni, o compromisso fundamental com a universidade pública e gratuita, como o lugar da universalidade, na qual se prepara a consciência autônoma e apurada do cidadão que almeja a transformação da sociedade.

Nesta mesma linha de pensamento, Antonio Candido, que foi professor homenageado do curso de Letras, em 1964, afirmou que a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras deu elementos decisivos para a formação de um “pensamento radical” que se desenvolveu em todo o Brasil. Este pensamento inaugurou uma série de reflexões sobre temas inovadores e de fundamental importância para o conhecimento da sociedade brasileira. E quem passava por ela, no entendimento de Antonio Candido, “saía com mentalidade inclinada” para o “radicalismo de classe média”, conseqüência “do espírito crítico voltado para a análise da sociedade com ânimo transformador”.

Incluíram-se, naqueles temários, as obras de Florestan e sua equipe; os estudos de relações raciais; os trabalhos históricos feitos com ânimo de revisão de valores e conceitos; o desenvolvimento das condições de vida de vários geógrafos e a vigilância epistemológica de muitos estudiosos de literatura e filosofia. Esses trabalhos tornaram-se referências nacional e internacional.

Além desse exercício da crítica, revelando um certo inconformismo com o seu tempo, alguns pontos se destacavam e se incorporaram ao patrimônio cultural da FFLCH e da USP nessa trajetória, “definindo o seu perfil singular e distintivo na sociedade brasileira: *o padrão de ensino e pesquisa, o tempo integral e a dedicação exclusiva e a autonomia universitária*”.

Portanto, o padrão de ensino e pesquisa apresenta-se rigoroso, sistemático, com ênfase nos procedimentos especificamente acadêmicos, em que há valorização da pesquisa empírica e refinada reflexão teórica e metodológica.

Com o advento da Faculdade de Filosofia, construiu-se um espaço institucionalizado de produção do saber de elevadíssimo padrão, “capaz de produzir e reproduzir profissionais especializados no manejo de técnicas de investigação e de análise do pensamento crítico”.

Na base desse padrão, firmou-se o conceito de indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Ele impunha um novo modelo de trabalho acadêmico alimentado pela idéia de missão, vocação e profissão, cujo exercício seria, necessariamente, em tempo integral e *com dedicação exclusiva*.

Estes dois elementos estruturais, partes integrantes do projeto de fundação da Universidade e da Faculdade de Filosofia se cristalizaram com *a idéia da autonomia do saber*.

Octavio Ianni, Professor homenageado dos alunos de ciências sociais, no ano de 1964, quando recebeu o título de profes-



sor emérito, em 1997, ressaltou a sua formação de professor comprometido com a Universidade. Afirmou, em seguida, que o que está em causa é a Universidade, que está sendo

desafiada a enfrentar os seguintes problemas:

Primeiro, a pressão para ajustar-se ao mercado e, de imediato, ao economicismo, à produtividade mercantil, ou seja, ao *ethos* tecnocrático imposto pelo neoliberalismo. No entendimento de Ianni, os requisitos da “produtividade” e da “qualidade total” estão sendo impostos à Universidade, como se fossem uma fábrica de mercadorias;

Segundo, a universidade está sendo desafiada a preservar e desenvolver o seu compromisso com a pesquisa original e o diálogo aberto com as variadas correntes de pensamento. Portanto, ela almeja não só a formação de profissionais, técnicos, professores e pesquisadores mas contribuir para o avanço das ciências, da filosofia e das artes. Desenvolvendo e enriquecendo, assim, o *ethos humanístico* que continua a ser a sua missão.

Finalmente, a universidade está sendo pressionada a orientar-se para a universalidade, reconhecendo que as transformações que estão acontecendo no mundo contemporâneo abrem novos horizontes para o ensino e a pesquisa, a razão e a imaginação.

Diante desse quadro contemporâneo, quando as universidades públicas estão sendo questionadas pelo Estado e pelos setores conservadores e neoliberais da sociedade civil, é fundamental reafirmar os seguintes princípios em defesa da universidade pública e gratuita para todos.

Inicialmente, concebemos a Universidade como uma instituição social que se legitima quando alcança o reconhecimento público através de sua ação social e prática acadêmica fundadas no primado da diferenciação e da autonomia do saber;

Neste sentido, ela está estruturada por um conjunto de regras, preceitos e valores internamente reconhecido e legitimado;

Assim sendo, a Universidade almeja, na produção e na

transformação do conhecimento, expressar os valores universais orientados para sua própria lógica.

Como Marilena Chauí, que estava entre os formandos de filosofia de 1964, pontua, a Universidade, como instituição social, está radicalmente associada às idéias de formação, reflexão, criação e crítica e também “à idéia de democracia e de democratização do saber”.

Portanto, o conceito de experiência deve ser entendido como processo auto-reflexivo de formação do sujeito dotado de uma consciência crítica e emancipada, ou seja, deve procurar formar uma inteligência inquieta, alerta e reflexiva.

Por conseguinte, ainda segundo Chauí, a universidade é considerada como uma instituição constitutiva da sociedade, e sua existência “é determinada pela sociedade e determina idéias e práticas da sociedade”.

Finalmente, defendemos as instituições públicas de primeiro, segundo e terceiro graus para todos (como, aliás, fazia Florestan Fernandes, desde os anos 50) por estas serem, por excelência, instituições democráticas de oportunidades sociais.

Estes princípios formam, no nosso entendimento, o substrato do perfil acadêmico institucional dos docentes e dos alunos da Universidade de São Paulo e, em particular, o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, núcleo fundador da Universidade de São Paulo que encarna os ideais da Universidade enquanto instituição social.

A adoção do preceito de dedicação exclusiva defendida pelo saudoso mestre Florestan Fernandes, que foi paraninfo dos formandos de 1964, firmado na pesquisa de alto padrão de qualidade enquanto uma experiência metódica e contínua centrada na auto-reflexão e na autonomia, possibilitando que o professor crie condições para o diálogo do estudante com o saber.

Neste processo, estudantes e professores tornam-se parceiros na construção da cidadania. A ciência e o conhecimento transformam-se em armas para a intervenção na realidade social brasileira tão injusta, tão desigual e, extremamente, excludente. E a ciência a serviço da transformação social torna-se militante, ampliadora de cidadania.

São Paulo, 04 de setembro de 2004

Sedi Hirano

TURMA DOS 70 ANOS DA FFLCH FAZ FORMATURA NO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

POR RODOLFO VIANNA

70 anos depois de fundada, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas forma mais uma turma de bacha-

réis nas áreas de História, Letras, Ciências Sociais, Filosofia e Geografia. A cerimônia de formatura ocorreu no Memorial da

América Latina, na noite do dia 4 de setembro, e a *Turma dos 70 anos* teve os professores eméritos Aziz Ab'Saber e Antonio Candindo como Paraninfo e Patrono, respectivamente.

Durante a cerimônia, foram exibidos vídeos contando a história da Faculdade desde o ano de 1934, quando foi fundada, assim como trazendo depoimentos de três ex-alunas. Houve também a participação do Coralusp (Coral da Universidade de São Paulo), que executou o Hino Nacional como também as músicas *Cio da Terra* (de Milton Nascimento e Chico Buarque), *Aroeira* (de Geraldo Vandré) e, por fim, *Maria Maria* (Milton Nascimento).

Cada curso homenageou um professor, sendo o escolhido pelo curso de Letras o prof. José Antonio Pasta Junior; pelo de Geografia, o prof. André Roberto Martin; pelo curso de História, o prof. Nicolau Sevcenko; pelo de Filosofia, a profa. Marilena Chauí e, finalmente, pelo curso de Ciências Sociais, a homenageada foi a profa. Maria Helena Oliva Augusto. A *Turma dos 70 anos* também homenageou a funcionária Eliana Bento da Silva Amatuzei Barros. Todos compuseram a mesa, junto com o Diretor da Faculdade, prof. Sedi Hirano, o Patrono e o Paraninfo da turma.

Em seu discurso, o professor Aziz Ab'Saber lembrou que vive a Faculdade de Filosofia desde 1940, quando ingressou como aluno – recordando também que sua primeira aula, para seu espanto, foi um trabalho de campo. Logo após a lista de admissão, contou o professor, tinha uma observação que pedia “trajes adequados” para a aula de segunda-feira, a

primeira do curso, que seria uma expedição pela região de Sorocaba. O prof. Aziz ainda afirmou que a verdadeira universidade nasce globalizada, pois há no pensamento uma raiz globalizante, e a FFLCH foi um ponto de encontro da inteligência nacional com a de todo o mundo culto. O professor, um dos maiores pensadores brasileiros, confessou que não poderia se furtar de falar de coisas que o desagradavam nos dias atuais. Criticou tenazmente a atitude do governo russo no recente atentado terrorista a uma escola local, resultando em mais de 300 reféns mortos, a qual classificou como sendo um “repente stalinista”, assim como se mostrou indignado com o atual ministro da Ciência e Tecnologia. O professor recusou-se a comentar a frase atribuída ao presidente Lula, que teria dito que não gosta de acadêmicos no seu governo porque não dão votos. O Paraninfo da *Turma dos 70 anos* foi aplaudido pelas mais de mil pessoas que ouviram o discurso.

O Diretor da Faculdade, Prof. Sedi Hirano, outorgou o grau de Bacharel aos mais de cem formandos que participaram da formatura, na expectativa de que realizem teses renovadoras e transformadoras do conhecimento que possam reduzir a abissal desigualdade social do país e sua pobreza. Cada curso teve seu estudante orador, e o diploma foi entregue pelos professores homenageados.

Por fim, o mestre de cerimônia Heródoto Barbeiro, jornalista e ex-aluno do curso de História, convidou a todos para o coquetel que foi realizado após a cerimônia.

ENTREVISTA COM O MINISTRO DA CULTURA, SR. GILBERTO GIL

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO,
ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH,
SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. SEDI HIRANO



A entrevista foi realizada no ano de 2003, após a participação do Ministro da Cultura em um evento sobre o Cinema Negro brasileiro realizado na Faculdade de Educação da USP.

Daniel Cantinelli Sevillano: Sr. Ministro, gostaria que o senhor falasse sobre aquele show que o senhor reali-

zou aqui na USP, em 1973.

Gilberto Gil: Eu fui convidado pelos alunos da USP, do DCE, para vir fazer um show aqui. Eu tinha acabado de retornar do exílio que o regime ditatorial havia me imposto, assim como a tantos outros brasileiros, e havia na sociedade um questionamento amplo sobre o regime militar. Havia mobilização da esquerda, e os estudantes eram parte fundamental da formação das esquerdas brasileiras.

Eu fui convidado para cantar, e vim e cantei. Mas não se tratava só de música, porque houve diálogo entre eu e a platéia, e eu me lembro que um dos temas daquele momento

era de quem seria a responsabilidade pela contestação e pelo enfrentamento da ditadura. Nós discutimos a responsabilidade dos artistas, dos políticos, do Movimento Estudantil, o papel dos Centros Acadêmicos. Tudo isso estava implícita ou explicitamente colocado naquele show, através de algumas canções que tocavam o tema, das conversas entre o artista e a platéia, etc. Hoje, anos depois, muitas pessoas discutem se não foi a partir daquele momento que se formaram as correntes políticas que vieram a fundar o PT.

DCS: O senhor acha que a partir desse show o Movimento Estudantil dentro da USP ganhou um novo fôlego na luta contra a ditadura?

GG: Eu não posso te afirmar isso, porque não acompanhei o Movimento Estudantil dentro da USP nessa época, mas eu acho que o Movimento Estudantil brasileiro, além de se reanimar, se reciclou a partir desse momento. Ele buscou novos horizontes e procurou superar os modelos clássicos em que a esquerda nacional se baseava até aquele período.

PROGRAMAÇÃO DE SETEMBRO DO SERVIÇO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO



O serviço de Biblioteca e Documentação recebe, de 15/09 a 08/10/2004 duas exposições:

A Produção Científica dos Departamentos de Ciência Política e Filosofia e

A Produção Científica dos Professores Eméritos dos Departamentos de Ciência Política e Filosofia.

A mostra é realizada na Biblioteca Central da FFLCH de segunda a sexta das 9h às 22h e aos sábados das 9h às 13h.

Para maiores informações: 3091-4846 com Eliana Ramalho ou pelo e-mail: bibffch@edu.usp.br.

ESPAÇO DO FUNCIONÁRIO

FUNCIONÁRIA DA FFLCH É ESCOLHIDA PARA SER EXAMINADORA DO PRÊMIO NACIONAL DE GESTÃO PÚBLICA

por Rodolfo Vianna



A funcionária **LUCILENE CRISTINA DE ANDRADE**, do Serviço de Pessoal da Faculdade, foi escolhida para ser uma das examinadoras do Prêmio Nacional de Gestão Pública. O prêmio, que é conferido pela Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, avalia o funcionamento e gerenciamento de organizações públicas brasileiras dos poderes Executivo, Legislativo

e Judiciário (das esferas federal, estadual e municipal).

“A Gestão Pública para ser excelente tem que ser legal, moral, impessoal, pública e eficiente”, afirma Lucilene, e a avaliação será balizada por critérios estabelecidos pelo Modelo de Excelência de Gestão Pública. Entre eles, como explica a funcionária, estão: “excelência dirigida ao cidadão e à sociedade, gestão participativa (cooperação, compartilhamento de informações e confiança para delegar, dando autonomia para

atingir metas, criando assim um clima organizacional saudável), gestão baseada em processos e informações, valorização das pessoas, visão de futuro, aprendizado organizacional (motivação para a qualidade), agilidade, foco em resultados e inovação.”

Sobre o processo de escolha para ser uma das examinadoras, Lucilene revelou que superou várias fases, tendo participado do processo mais de 1500 candidatos. Após a análise do seu *currículo*, foi aprovada e inscrita para realizar o curso preparatório: “particpei do curso todo e passei por mais duas etapas de avaliação, tendo sido aprovada. Recebi uma ligação de Brasília, informando que eu já podia usar o título de examinadora do Prêmio, e que naquele mesmo dia, o Ministério do Planejamento estaria encaminhando à minha residência

todo o material da (organização) candidata para que eu realizasse os comentários e a pontuação da mesma, de acordo com os critérios pré-estabelecidos.”

O Conselho Técnico-Administrativo da FFLCH aprovou, em reunião do dia 12 de agosto, um voto de Congratulação à funcionária, que tem também o apoio e o incentivo do Diretor Sedi Hirano para a realização dos trabalhos de análise para o Prêmio. “O apoio e o reconhecimento são ferramentas muito importantes para motivar pessoas e é assim que eu me sinto hoje: ainda mais motivada para dar o melhor de mim para nossa organização que é a FFLCH”, confessa Lucilene. O prêmio será entregue pelo presidente Lula no dia sete de dezembro, em Brasília.

A entrevista completa da funcionária Lucilene Cristina de Andrade pode ser lida na página www.fflch.usp.br/sdi/imprensa.

DOUTORADOS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

SETEMBRO

CANDIDATO: Alexandre de Oliveira Torres Carrasco

PROGRAMA: Filosofia

TÍTULO: Merleau-Ponty: fenomenologia e política. Ensaios sobre o discurso político

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Marilena de Souza Chaui

BANCA: Professores Franklin Leopoldo e Silva (DF-USP), Luiz Damon Santos Moutinho (UFPR), Ruy Fausto (DF-USP) e Isabel Maria Frederico Rodrigues Loureiro (UNESP)

DATA/LOCAL: 03.09.2004 às 09h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

AGOSTO

CANDIDATA: Patricia Fontoura Aranovich

PROGRAMA: Filosofia

TÍTULO: História e Política em Maquiavel

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Souza

BANCA: Professores Sergio Cardoso (DF-USP), Alberto Barros (Univ.S.Judas Tadeu), Christian Lazzeri e Robert Damien

DATA/LOCAL: 31.08.2004 às 09h - Sala de Concursos, 122-A

SETEMBRO

CANDIDATO: Douglas Ferreira Barros

PROGRAMA: Filosofia

TÍTULO: Julgar a república: história e filosofia política no ‘Methodus’ de Jean Bodin

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Souza

BANCA: Professores Rolf Nelson Kuntz (DF-USP), Renato de Andrade Lessa (IUPERJ), Cicero Romão Resende de Araujo (DCP-USP) e Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (USJT)

DATA/LOCAL: 09.09.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

CANDIDATO: Jaimir Conte

PROGRAMA: Filosofia

TÍTULO: A natureza da moral de Hume

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Paulo Gomes Monteiro

BANCA: Professores Rolf Nelson Kuntz (DF-USP), Sara Albieri (UFSC), Maria Cecília Maringoni de Carvalho (PUC) e Livia Mara Guimaraes (UFMG)

DATA/LOCAL: 03.09.2004 às 09h - Sala de Professores, 114

CANDIDATO: Jose Humberto de Brito Cruz

PROGRAMA: Filosofia

TÍTULO: Autonomia e Obediência: O Problema do Direito de Resistência na Filosofia Moral e Política de Immanuel Kant

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra

BANCA: Professores Daniel Tourinho Peres (UFBA), Maria Lucia Mello de Oliveira Cacciola (DF-USP), Christian Viktor Hamm (UFMS) e Ronaldo Porto Macedo Junior (FD:DFD)

DATA/LOCAL: 03.09.2004 às 14h - Sala de Professores, 114

CANDIDATO: Robinson Guitarrari

PROGRAMA: Filosofia

TÍTULO: Incomensurabilidade e racionalidade científica em Thomas Kuhn: uma análise do relativismo epistemológico

ORIENTADOR: Prof. Dr. Caetano Ernesto Plastino

BANCA: Professores Franklin Leopoldo e Silva (DF-USP), Jose Raimundo Novaes Chiappin (DF-USP), Antonio Augusto Passos Videira (UERJ) e Jose Carlos Pinto de Oliveira (UNICAMP)

DATA/LOCAL: 08.09.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

SETEMBRO

CANDIDATA: Andrea Lourdes Scabello

PROGRAMA: Geografia Física

TÍTULO: Carlos Miguel Delgado de Carvalho: A imagem como recurso didático. Um estudo de caso - Geografia do Brasil (1913) e Geografia Física e Humana (1943)

ORIENTADOR: Prof. Dr. Gil Sodero de Toledo

BANCA: Professoras Lea Francesconi (DG-USP), Maria Yedda Leite Linhares (UFRJ), Ana Maria Marques C. Marangoni (DG-USP) e Heliana Angotti Salgueiro (Maison des Sciences de l'Homme e Getty Foundation).

DATA/LOCAL: 08.09.2004 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

CANDIDATA: Fernanda Padovesi Fonseca

PROGRAMA: Geografia Física

TÍTULO: A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia: análise das discussões sobre o papel da Cartografia

ORIENTADOR: Prof. Dr. Gil Sodero de Toledo

BANCA: Professores Diana Sarita Hamburger (SENAC), Margarida Maria de Andrade (DG-USP), Marcelo Martinelli (DG-USP) e Adriana Maria Bernardes da Silva (UNICAMP)

DATA/LOCAL: 09.09.2004 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

CANDIDATO: Ireleno Porto Benevides

PROGRAMA: Geografia Humana

TÍTULO: Práticas e territorialidades e planejamento governamental do turismo no Ceará

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Ana Fani Alessandri Carlos

BANCA: Professoras Rita de Cassia Ariza da Cruz (DG-USP), Fernanda Ester Sanchez Garcia (UFF), Maria Tereza Duarte Paes Luchiarri (UNICAMP) e Rosa Maria Tello Robira (Univ.Barcelona)

DATA/LOCAL: 23.09.2004 às 09h - Sala de Professores, 114

CANDIDATO: Medson Janer da Silva

PROGRAMA: Geografia Humana

TÍTULO: Índios da etnia terrena. Agricultura familiar no Pantanal de Aquidauana-MS: limitações e perspectivas de desenvolvimento sustentável

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Rosa Ester Rossini

BANCA: Professores Tito Carlos Machado de Oliveira (UFMS), Maria Laura Silveira (DG-USP), Cleonice Alexandre Le Bourlegat (UCDB) e Júlio Cesar Suzuki (DG-USP)

DATA/LOCAL: 27.09.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SETEMBRO

CANDIDATA: Graciela Merida de Jayo

PROGRAMA: História Social

TÍTULO: Perda e salvação da Espanha no imaginário castelhano. A invasão muçulmana na Península Ibérica

ORIENTADOR: Prof. Dr. Carlos Roberto Figueiredo Nogueira

BANCA: Professores Mamede Mustafa Jarouche (DH-USP), Ruy de Oliveira Andrade Filho (UNESP), Marcelo Candido da Silva (DH-USP) e Leila Rodrigues da Silva (UFRJ)

DATA/LOCAL: 28.09.2004 às 14h - Sala de Defesas, 116

CANDIDATO: Marco Antonio Cabral dos Santos

PROGRAMA: História Econômica

TÍTULO: Paladinos da Ordem: Polícia e Sociedade em São Paulo na virada do Século XIX ao XX

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura

BANCA: Professores Sidnei Jose Munhoz (Univ.Maringá), André Mota (Univ.Sorocaba), Maria Cristina Cortez Wissenbach (DH-USP) e Elias Thome Saliba (DH-USP)

DATA/LOCAL: 27.09.2004 às 09h - Sala de Concursos, 122-A

CANDIDATA: Norma Couri

PROGRAMA: História Social

TÍTULO: O Estrangeiro - Alberto Cavalcanti e a Ficção de Brasil
xo Prof.ª Dr.ª Janice Theodoro

BANCA: Professores Maria Aparecida de Aquino (DH-USP), Maria Dora Genis Mourão (ECA:CTR), Ismail Norberto Xavier (ECA:CTR) e Rubens Luis Ribeiro Machado Junior (ECA:CTR)

DATA/LOCAL: 13.09.2004 às 14h - Sala de Defesas, 116

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

OUTUBRO

CANDIDATA: Maria Eulália Ramicelli

PROGRAMA: Estudos Lingüísticos e Literários em inglês

TÍTULO: Narrativas itinerantes. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos do século XiV

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

BANCA: Professores Antonio Dimas de Moraes (DLCV-USP), Marlyse Meyer (UNICAMP), Nelson Schapochnik (FE:EDM) e Luiz Roberto Velloso Cairo (UNESP)

DATA/LOCAL: 29.10.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE LINGUAS ORIENTAIS

SETEMBRO

CANDIDATA: Adriana dos Santos Romero

PROGRAMA: Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica

TÍTULO: A música nas Coplas Sefarditas de Purim

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Berta Waldman

BANCA: Professores Jaffa Rifka Berezin (DLO-USP), Regis Duprat (ECA-USP), Rachel Mizrahi (UNINOVE) e Jerusa Pires Ferreira (PUC)

DATA/LOCAL: 09.09.2004 às 10h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

SETEMBRO

CANDIDATO: André Gambier Campos

PROGRAMA: Sociologia

TÍTULO: Pobreza e Direitos na Cidade de São Paulo (A Experiência da Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade)

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Maria Celia Pinheiro Machado Paoli

BANCA: Professores Ana Maria Medeiros da Fonseca, Vera da Silva Telles (DS-USP), Alvaro Augusto Comin (DS-USP) e Marcio Pochmann (UNICAMP)

DATA/LOCAL: 24.09.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

SETEMBRO

CANDIDATO: Ricardo Jose Duff Azevedo

PROGRAMA: Teoria Literária e Literatura Comparada

TÍTULO: Abençoado e danado do Samba - um estudo sobre as formas literárias populares: o discurso da pessoa, das hierarquias, do contexto, do senso comum e da folia

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Aurora Fornoni Bernardini

BANCA: Porofessere Hilário Franco Junior (DH-USP), Luiz Dagobert de Aguirra Roncari (DLCV-USP), José Teixeira Coelho Neto (ECA: CBD), Santuza Cambraia Naves (PUC)

DATA/LOCAL: 28.09.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

CANDIDATA: Sandra Aparecida Ferreira

PROGRAMA: Teoria Literária e Literatura Comparada

TÍTULO: Da estátua à pedra: a fase universal de José Saramago

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Sandra Margarida Nitrini

BANCA: Professores Benjamin Abdala Junior (DLCV-USP), Laura Beatriz Fonseca A. Cardoso (UNESP), Odil Jose de Oliveira Filho (UNESP) e Lilian Lopondo (DLCV-USP)

DATA/LOCAL: 13.09.2004 às 14h - Salão Nobre, 145

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

SETEMBRO

CANDIDATO: Andreas Kneip

PROGRAMA: Arqueologia

TÍTULO: O povo da Lagoa: uso do SIG para modelamento e simulação na área Arqueológica do Camacho

ORIENTADOR: Prof.Dr. Levy Figuti

BANCA: Professores Paulo Antonio Dantas de Blasis (MAE-USP), Paulo Cesar Fonseca Giannini (IGC- GSA), Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira (Museu Nacional) e Jose Luiz de Moraes (MAE)

DATA/LOCAL: 16.09.2004 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

CANDIDATO: Marcelo Pini Prestes

PROGRAMA: Arqueologia

TÍTULO: Arqueologia e Patrimônio. Revitalização e uso social de sítios arqueológicos em área urbana

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Mineiro Scatamacchia

BANCA: Professores Célia Cristina Mineiro Scatamacchia (MAE-USP) e Jose Luiz de Moraes (MAE-USP)

DATA/LOCAL: 09.09.2004 às 13h30 - Sala de Professores, 114

DOCTORADOS - Listagem encaminhada pelo Serviço de Pós-Graduação

MESTRADOS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

SETEMBRO

CANDIDATA: Ana Lucia Amaral

PROGRAMA: Ciência Política

TÍTULO: O Procurador-Geral da República e as Ações Diretas de Inconstitucionalidade

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Sadek

BANCA: Professoras Maria da Gloria Bonelli (UFSCAR) e Celina Maria de Souza Motta (UFBA).

DATA/LOCAL: 10.09.2004 às 14h - Sala de Professores, 144

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

SETEMBRO

CANDIDATA: Ana Lucia de Araujo Guerrero

PROGRAMA: Geografia Humana

TÍTULO: A aprendizagem docente de conceitos elementares da geografia física e da cartografia de base: um estudo de caso na região do Campo Limpo - SP

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Vanzella Castellar

BANCA: Professores Cleide Rodrigues (DG-USP) e Manoel Oriosvaldo de Moura (FE:EDM)

DATA/LOCAL: 27.09.2004 às 14h - Sala de Professores, 114

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SETEMBRO

CANDIDATA: Laura Pinca da Palma

PROGRAMA: História Social

TÍTULO: Santo Tomas de Aquino e a fronteira histórica entre a Fé e a Razão

ORIENTADOR: Prof. Dr. Nachman Falbel

BANCA: Professores Augustin Wernet (DH-USP) e Luiz Jean Lauand (FE:EDF)

DATA/LOCAL: 08.09.2004 às 14h - Sala de Professores, 114

CANDIDATO: Sérgio Rocha Brito Marques

PROGRAMA: História Social

TÍTULO: As Formas do Bárbaro: o discurso sobre o 'outro', no livro 'Facundo o Civilizacion y Barbarie', de Domingo Faustino Sarmiento

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Janice Theodoro da Silva

BANCA: Professores José Alves de Freitas Neto (UNESP) e Carlos Alberto de Moura R.Zeron (DH-USP)

DATA/LOCAL: 01.09.2004 às 09h - Sala de Concursos, 122-A

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

SETEMBRO

CANDIDATA: Elaine Vincenzi Silveira

PROGRAMA: Filologia e Língua Portuguesa

TÍTULO: Argumento de Autoridade na crônica de Carlos Heitor Cony. Um enfoque Intertextual

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Lineide do Lago Salvador Mosca

BANCA: Professores Luiz Antonio Ferreira (PUC), Maria Valéria Aderson de Mello Vargas

DATA/LOCAL: 21.09.2004 às 14h - Sala de Defesas, 116

CANDIDATA: Marcia Selivon

PROGRAMA: Filologia e Língua Portuguesa

TÍTULO: O Discurso da Igreja 'Renascer em Cristo'. Uma abordagem dos valores e das estratégias argumentativas

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Lineide do Lago Salvador Mosca

BANCA: Professoras Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP) e Iva Carlos Lopes (DL-USP)

DATA/LOCAL: 27.09.2004 às 14h - Sala de Defesas, 116

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

SETEMBRO

CANDIDATA: Karina Pedreira de Freitas Ceribelli

PROGRAMA: Língua e Literatura Francesa

TÍTULO: O tema da impossibilidade amorosa em 'Armance' de Stendhal e 'Ressurreição' de Machado de Assis

ORIENTADOR: Prof. Dr. Gilberto Pinheiro Passos

BANCA: Professores Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto (DLM-USP) e Lucia Granja (UNESP)

DATA/LOCAL: 09.09.2004 às 10h - Sala de Defesas, 116

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

AGOSTO

CANDIDATA: Mariana Rosa Trotta

PROGRAMA: Semiótica e Linguística Geral
TÍTULO: O discurso da dança: uma perspectiva semiótica
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Diana Luz Pessoa de Barros
BANCA: Professores Luiz Augusta de Moraes Tatit (DL-USP) e Lucia Teixeira de Siqueira e Oliveira (UFF)
DATA/LOCAL: 31.08.2004 às 14h30 - Sala de Professores, 114

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

SETEMBRO
CANDIDATA: Fabiana Augusta Alves Jardim
PROGRAMA: Sociologia
TÍTULO: Entre a Invenção e o Desalento: experiência de desemprego em São Paulo
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins
BANCA: Professoras Leny Sato (IP-PST) e Nadya Araujo Guimaraes (DS-USP)
DATA/LOCAL: 02.09.2004 às 14h - Sala de Eventos, 124

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

SETEMBRO
CANDIDATA: Ana Lucia Santana

PROGRAMA: Teoria Literária e Literatura Comparada
TÍTULO: A Terceira Margem do Tempo: Narrar e Lembrar em 'Primeiras Estórias', de Guimarães Rosa
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Regina Lucia Pontieri
BANCA: Professoras Helena Bonito Couto Pereira (Mackenzie) e Cleusa Rios Pinheiro Passos (DTLLC-USP)
DATA/LOCAL: 01.09.2004 às 14h - Sala de Defesas, 116

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

SETEMBRO
CANDIDATA: Rute de Lima Pontim
PROGRAMA: Arqueologia
TÍTULO: Configuração do Povoamento Pré-Colonial do Norte Goiano: o caso dos grupos ceramistas
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Marisa Coutinho Afonso
BANCA: Professores Jose Luiz de Moraes (MAE-USP) e Dilamar Candida Martins (UFG)
DATA/LOCAL: 14.09.2004 às 09h - Sala de Concursos, 122-A

MESTRADOS - Listagem encaminhada pelo Serviço de Pós-Graduação

PRODUÇÃO DOS DOCENTES DA FACULDADE



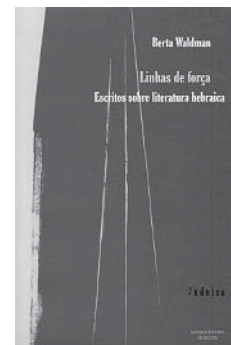
COLEÇÃO PAULICÉIA LANÇA LIVRO COM A HISTÓRIA DAS BIENAS

Recuperando a trajetória da mais importante mostra de artes plásticas do Brasil, Francisco Alambert e Polyana Canhête contam e analisam o papel da mostra na cultura e na integração do Brasil no circuito internacional de artes. Das suas origens, na Semana de Arte de 22 e no casal Yolanda Penteado e Ciccillo Mattarazo até a atual era dos curadores, do patrocínio cultural e da arte globalizada. Das relações da mostra com a cidade, o público e o poder econômico. Das polêmicas estéticas e políticas da mostra; uma história completa, abrangente e com imagens das principais obras e fatos que marcaram os 53 anos e XXIV edições das Bienais de Arte de São Paulo.

LINHAS DE FORÇA: Escritos sobre literatura hebraica

BERTA WALDMAN

Berta Waldman, neste livro, traça as grandes linhas de força que marcaram as letras hebraicas da modernidade até os dias de hoje. Com estilo ágil e preciso, analisa os esforços de um Agnon em transformar o hebraico, idioma litúrgico, em língua de expressão literária. Examina as tensas relações inter e intra-étnicas (judeus/árabes, judeus ashkenazitas/sefardistas) que surgem com vigor na literatura israelense na segunda metade do século XX. Focaliza o incontornável peso dos temas políticos no cenário das letras israelenses contemporâneas, tomando como exemplo a obra de Amós Oz- autor conhecido do público brasileiro. Presença obrigatória, a candente literatura de testemunho do Holocausto entra, com seus desdobramentos, na composição dessas linhas de força.



R\$ 22,00
ISBN 85-98292-05-2
14 x 21 cm 150 p.



O GOSTO DA GLOSA ESAÚ E JACÓ NA TRADIÇÃO JUDAICA

DAIYSE WAJNBERG

Dayse Wajnber apresenta-nos, com acuidade e competência, uma leitura literária de um dos mais debatidos trechos da Bíblia Hebraica - o episódio de Esaú e Jacó, inserido no coração do Gênesis. A narrativa é instigante, pois, como se sabe, em meio a intrigas familiares confrontam-se os dois irmãos gêmeos Jacó usurpa o lugar de Esaú, auxiliado por sua mãe - Rebeca - , na obtenção do direito de primogenitura.

R\$ 30,00
ISBN 85-98292-07-9
14 x 21 cm 298 p.

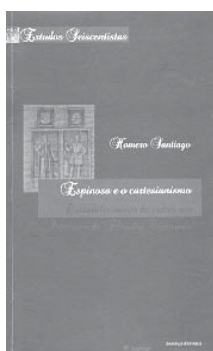
O PAPEL DA DÚVIDA METAFÍSICA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO COGITO

ENÉIAS FORLIN

Este livro apresenta uma minuciosa investigação do processo de constituição do cogito cartesiano, com o objetivo de mostrar que a concepção do cogito é a mesma em toda a obra de Descartes. Para tanto, o ponto-chave é mostrar que o modo como o cogito se constitui no Discurso não é essencialmente diferente da maneira como ele se constitui nas Meditações. Isso porque os estudiosos de Descartes, em geral, pretendem que haja uma diferença entre as concepções do cogito expostas nessas obras. Entretanto, mostrar que há também a etapa da dúvida metafísica no processo constitutivo do cogito do Discurso. Esta, pois, é a questão central deste livro.



R\$ 22,00
ISBN 85-98292-04-4
14 x 21 cm 162 p.



Espinoza e o cartesianismo O estabelecimento da ordem nos Princípios da Filosofia Cartesiana

HOMERO SANTIAGO

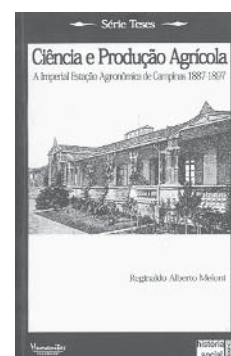
A história da “filosofia” é muito freqüentemente apresentada sob a forma de uma história das “filosofias” em que os pensadores se sucedem no tempo em completo desacordo; não faltou nem mesmo quem enxergasse nisso a essência de tal disciplina. O esforço deste estudo sobre Espinoza e o cartesianismo é a reflexão sobre um caso excepcional que foge à regra e sugere um retorno das “filosofias” à “filosofia”.

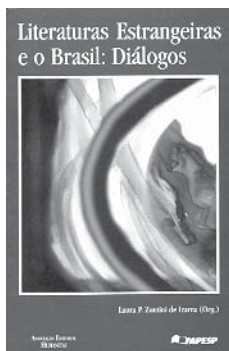
R\$ 30,00
ISBN 85-98292-02-8
14 x 21 cm 304

CIÊNCIA E PRODUÇÃO AGRÍCOLA. A imperial estação agrônômica de Campinas 1887-1897

REGINALDO ALBERTO MELONI

No final do Império no Brasil foi criada, no interior da Província de São Paulo, a Imperial Estação Agrônômica de Campinas, hoje, Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Esta instituição científica marcou época por ser uma das primeiras em sua especialidade e por se tornar, ao longo do século XX, um dos principais estabelecimentos do país no trabalho de apoio e desenvolvimento agrícolas. O texto *Ciência e Produção Agrícola – a Imperial Estação Agrônômica de Campinas*, aborda o processo de criação e os trabalhos desenvolvidos pela instituição em sua primeira fase – de 1887 a 1897 – quando esta foi dirigida pelo cientista austríaco Franz Dafert.





R\$25,00
ISBN:85-98292-08-7
14x21 cm 268p.

LITERATURAS ESTRANGEIRAS E O BRASIL: DIÁLOGOS

Laura P. Zuntini de Izarra (org.)

Este livro, com os ensaios apresentados no último Grupo de Trabalho da Anpoll, mostra a presença das literaturas estrangeiras no Brasil, destacando as relações entre as culturas e enfatizando que, ao longo dos séculos, as culturas do mundo sempre mantiveram relações estreitas apresentando diferentes graus de violência, assimilação, resistência, adaptação, sobrevivência.

O PARAÍSO E A ESPERANÇA

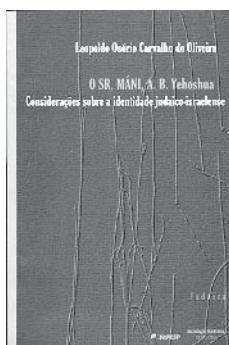
Vida cotidiana de fazendeiros na zona da Mata de Minas Gerais (1889-1930)

Irene Nogueira de Rezende

O Paraíso e a Esperança fala sobre os fazendeiros de café na zona da Mata de Minas Gerais no período da República Velha. A partir de um arquivo familiar, este estudo inédito aborda a vida cotidiana desses fazendeiros, a vida das mulheres e crianças, as relações afetivas e financeiras e o impacto que o *boom* do café trouxe para a região.



R\$24,00
85-7506-137-2
14x21 cm 260p.



R\$ 22,00
ISBN 85-98292-01-x
14 x 21 cm 132

O SR. MÁNI, A. B. YEHOSHUA Considerações sobre a identidade judaico-israelense

Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira

Uma das tendências mais importantes e produtivas da literatura israelense contemporânea é a de fazer do literário um veículo de reflexão e de pesquisa sobre a estrutura social e identitária do país em seu devenir histórico, enfocando a influência das minorias étnico-culturais na corrente hegemônica de reprovamento, o colapso e a redefinição das bases ideológicas do *Ishvv*, advindos da criação do Estado e da modernização da economia, e o impacto causado na sociedade pelos fatos ocorridos no âmbito do judaísmo mundial (o Holocausto, por exemplo).

LITERATURA HEBRAICA: Vertentes do século XX

Nancy Rozenchan

Os artigos aqui reunidos aproveitam-se da polifonia reinante e abordam múltiplas faces da identidade israelense e judaica presentes em diversos textos ficcionais do século XX, particularmente os de autoria feminina. Temas centrais que afetam a sociedade, tais como a vinculação a uma determinada etnia e sua respectiva implicação sociocultural, a revisão de capítulos históricos que giram em torno do sionismo, da criação do moderno Estado de Israel e dos sentimentos vinculados à Shoá são os alvos principais destes estudos realizados durante vários anos e expostos em diversas ocasiões.



R\$ 25,00
ISBN 85-98292-06-0
14 x 21 cm 220 p.



As marcas do sacrifício Um estudo sobre a possibilidade da História de Pascal

LUÍS CÉSAR OLIVA

O que o livro de Luís César Oliva mostra é que, se abandonamos a teologia otimista da História, aquela da Providência associada ao progresso espiritual, da pedagogia divina e da teologia determinada, não eliminamos a História do Cristianismo, mas abrimos o espaço para uma concepção de História que é tão essencial ao Cristianismo quanto à redenção.

R\$ 22,00

85-98292-03-6 14 x
21 cm 208

UM CONTINENTE EM FOCO: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)

RAFAEL BAITZ

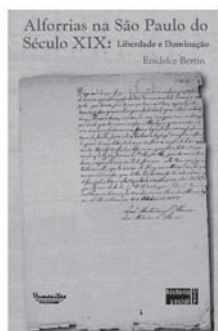
Analisa as fotografias estampadas nas revistas semanais *O Cruzeiro* e *Manchete*, no período entre 1954 e 1964, com o intuito de buscar as imagens construídas sobre a América Latina. O tratamento metodológico adequado, empregado pelo autor, reforça a importância da incorporação de novos objetos e novas fontes para enfoques de análises inovadoras.



Um continente em foco:
a imagem fotográfica da América Latina nas
revistas semanais brasileiras (1954-1964)

Rafael Baitz

R\$ 20,00
ISBN 85-7506-078-3
14x21 202p.



ALFORRIAS EM SÃO PAULO DO SÉCULO XIX: liberdade e dominação

ENIDELCE BERTIN

O texto coloca o leitor diante de uma rica documentação, até agora inédita: as cartas de alforria de escravos registradas nos cartórios de São Paulo no século XIX. Produzidos pelos proprietários de escravos, esses documentos reforçavam o caráter concessivo e filantrópico da alforria, retirando do escravo a condição de sujeito nesse processo. Com uma cuidadosa análise desses registros, Enidelce Bertin, recupera importantes facetas da política de domínio senhorial, iluminando a agência dos escravos na luta para conquista da liberdade.

MIGRAÇÕES: discriminação e alternativas

HELION POVOA NETO, DIETER HEIDEMANN, JOSÉ MANUEL LÓPEZ RODRIGO, LUIZ BASSEGIO E PAULO ROBERTO CURVELO LOPES

Serviço Pastoral dos Migrantes

Este livro é resultado do seminário “Novas formas de discriminação e alternativas de resistência dos migrantes”, que integrou o III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em janeiro de 2003. Numa análise profunda e extensa, os autores abordam os atuais fluxos migratórios, a situação de vida encontrada pelos migrantes e as condições a que se submetem os parentes que ficaram no país ou na cidade de origem.

Editora Paulinas – Coleção mundo possível



Serviço Pastoral dos Migrantes

MIGRAÇÕES:
discriminação
e alternativas

I SEMANA CULTURAL DOS FUNCIONÁRIOS DA FFLCH/USP

Programação
das 11h30 às 13h30
Distribuição de (Shorinkas) mini arranjos florais

Abertura: 4.10.2004 – 11h30
Prof. Dr. Sedi Hirano – Diretor

Palestra sobre estética e saúde
Dra. MÁRCIA VALÉRIA DE ALMEIDA – **Esteticista** (Sala de Defesas no prédio da ADM)

5.10.2004
Palestra sobre álcool, tabagismo, drogas
Dra. GIRLENE NUNES DOS SANTOS – **Nutricionista** (Sala de Eventos no prédio da ADM)

Palestra sobre prevenção de doenças e a cura pela medicina natural
Prof. ANDRÁSIO D. DOS SANTOS – **Terapeuta** (Tratamento A-Z) (Sala de Eventos no prédio da ADM)

6.10.2004
Cinema – filme: *Prisioneiro da grade de ferro*. Diretor: Paulo Sacramento –
Projeto Cinema BR em Movimento (Sala 107 no Prédio de Letras)

7.10.2004
Palestra sobre caminhada e alongamento
Prof. CELSO BUCHLER TEIXEIRA – **Cepeusp** (Sala de Eventos no prédio da ADM)

8.10.2004
Peça teatral: Qualidade de vida – **Grupo Teatral Seres Ilusionários** (Anfiteatro de História)

Coordenação:

PROFA. DRA. MARIA VICENTINA DO AMARAL DICK - Projeto
ELIANA BENTO DA S. A. BARROS - Atividades

Projeto Social - Criação:

VANESSA VIEIRA MARIANO - AÇÃO

Idealizador da semana Cultural:

WALQUIR DA SILVA - Humanitas

Agradecimentos

Prof. Dr. SEDI HIRANO – Diretor
Profa. Dra. SANDRA NITRINI – Vice-Diretora
JOSÉ CLÓVIS DE MEDEIROS LIMA – Assistente Acadêmico
RENATA GUARRERA DEL CORÇO – Assistente Administrativa
LEONICE MARIA SILVA DE FARIAS – Assistente Financeiro

Apoio:

Diretoria da FFLCH
Comissão dos 70 anos,
DORLI HIROKO YAMAOKA - SDI

Patrocínio:



Humanitas
FFLCH/USP

Air Micro
Produtos Ergonômicos

FARMA & CIA
"Respeito e credibilidade com sua saúde, todos os dias na dose certa." Tel.: 3768-5152

GRAPHBOX-CARAN
Fotolito & Gráfica

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 13 – agosto-setembro/2004

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
SDI – SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938

O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: informe@usp.br